

www.harmonianet.org

VIVÊNCIAS DE UMBANDA



PABLO DE SALAMANCA

2016

SOBRE O MÉDIUM

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Vivências de Umbanda”, é o 19º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo. Parte desta obra é de caráter não mediúnico e outra parte é psicografada. Atualmente, ao final de 2016, 18 livros já eram disponibilizados por Pablo ao público: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011), *Espiritualismo em foco* (2012), *Faces da projeção astral* (2012), *Novas percepções* (2013), *Experiências extrafísicas III* (2013), *Vivências* (2014), *Projeção astral: perguntas e respostas via Internet* (2014), *Guardião* (2014) e *Viagem astral: relatos comentados* (2015).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo e Néelson Vilhenna, pois colaboraram diretamente na elaboração deste livro.

CAPA

A capa é fotografia de Condesign, que pertence aos arquivos do *site* <http://pixabay.com/pt/> (acesso em 21/09/2016), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre.

DIREITOS AUTORAIS - Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o “autor” e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
INTRODUÇÃO	2
RELATOS DAS VIVÊNCIAS (PARTE 1)	4
1- Previsões do caboclo	5
2- Guias que se rompem	7
3- Caboclo disciplinador	9
4- O assassino e o preto-velho	11
5- A pomba-gira que impediu um aborto	13
6- O cambono e a preta-velha	15
7- O caboclo e a asma	18
8- A revelação do preto-velho	20
9- O “herói do dia” no terreiro	22
10- Iansã e a força dos ventos	24
11- O aviso do Caboclo Pena Verde	26
12- A mulher ciumenta e o exu	28
13- A orientação do erê	31
14- O Caboclo Treme-Terra e o reencontro	33
15- O recado da vovó	35
16- A presença de Ogum	37
17- A visão do caboclo	39
18- A fofoqueira e o erê	41
19- Um iniciante na porteira	44
20- Encontro inesquecível com Zé Pelintra	46
21- Ajuda invisível de Oxossi	49
22- A previsão de Pai Cipriano	51
23- Ajuda e esclarecimento do caboclo	53
24- Demanda neutralizada por boiadeiro	55
25- Entidade não autorizada	57
26- Sabedoria de erê	60
27- O menino e as pomba-giras	63
28- Singelo presente de exu	66

29- Oferenda precipitada	68
RELATOS DAS VIVÊNCIAS (PARTE 2 – COM PSICOGRAFIAS)	71
A- As principais forças de sustentação de um terreiro	72
B- Funções reais de exu	75
C- Brincadeira de erê	78
D- Breve história de um Zé Pelintra	80
E- Maria Padilha: quem somos nós os exus	82
F- Palavras de um Tata Caveira	85
G- O médium umbandista	88
H- Zé Pelintra e o álcool	91
I- O feiticeiro	93
PALAVRAS FINAIS	96

PREFÁCIO

Este livro é composto por relatos de vivências de Pablo de Salamanca com a Corrente Astral de Umbanda, após mais de 20 anos de experiência com a mediunidade umbandista.

Os relatos de vivências foram divididos em duas partes. Na primeira, estão os relatos que envolvem, em sua maioria, a atuação das entidades de Umbanda em sessões de terreiro. Na segunda parte, estão os relatos que apresentam psicografias de trabalhadores espirituais do Umbandismo, através da mediunidade de Pablo de Salamanca.

O objetivo desta obra não é ser um mero compartilhamento de casos verídicos curiosos, mas sim de expressar a Espiritualidade de Umbanda, na sua essência. Além disso, o leitor poderá aproveitar orientações preciosas trazidas por guias e guardiões da corrente umbandista, que servirão de apoio as suas jornadas terrenas.

INTRODUÇÃO

No início de minha jornada mediúnica, ainda na década de 90, eu recebia uma entidade da Linha das Crianças que falava sobre algumas programações que eu deveria cumprir no Plano Terreno. Era o Pedrinho da Praia. Ele, inclusive, comentou que não ficaria trabalhando através de mim por muito tempo, pois outro erê é que tinha esta tarefa. Isto aconteceu alguns anos depois, como havia sido informado.

Numa oportunidade, Pedrinho comunicou ao dirigente do meu terreiro, à época, que a minha permanência ali estava programada por sete anos. E eu precisaria montar um outro grupo e dirigi-lo por um período. Néelson Vilhenna, o dirigente, não ficou feliz com a notícia, e nem eu, pois eu e Néelson tínhamos (e ainda temos) fortes laços de amizade. Eu quis esquecer aquela informação, pois desejava permanecer naquele centro espiritualista, que ajudei a fundar. O tempo passou e, num certo ano, adoeci de forma aparentemente crônica. Eu já não tinha condições de exercer a mediunidade. Então, lembrei a predição do Pedrinho. Fui conferir o tempo que estava no terreiro e já contavam quase oito anos. A minha teimosia em não cumprir a programação espiritual estava colaborando na minha queda energética e no meu adoecimento. Finalmente entendi como as informações do Pedrinho estavam tão corretas. Na realidade, grande parte dos médiuns inexperientes não confia largamente nas orientações que saem de sua própria boca. E eu não era diferente da maioria. Assim, não havia dado importância maior às primeiras informações que eu veiculara, nos anos iniciais do meu exercício mediúnico, sobretudo quando essas informações eram a meu respeito. Eu temia que meu subconsciente pudesse interferir quanto àquilo que tinha relação direta com a minha vida particular ou espiritual. Entretanto, Pedrinho havia acertado mais uma vez. Depois que me recuperei, surgiu a chance e as condições materiais para eu fundar o Grupo Espiritualista Francisco de Assis, que funcionou, conforme o planejamento da Espiritualidade, por sete anos.

Bem, mas porque estou relatando tudo isso aqui, na introdução deste livro? Já respondo, retornando à entidade Pedrinho da Praia, que ficou trabalhando através da incorporação comigo por apenas cerca de três anos, lá na década de 90. O espírito Pedrinho também havia dito que eu tinha uma missão futura em escrever sobre a Umbanda. Esta informação estava quase esquecida nos “porões” da minha memória. E somente a recordei, quando terminei de psicografar o livro “Guardião”, no ano de 2014, o primeiro livro específico sobre a corrente umbandista que saiu de minhas mãos. Eu havia passado muitos anos escrevendo sobre espiritualidade no geral, sobre projeção astral e assuntos correlatos, mas nada diretamente sobre o Umbandismo. Assim, nesta minha nova fase como escritor espiritualista universalista, pretendo abordar com maior atenção a Umbanda, a qual devo muito nesta minha jornada terrena.

Nesse contexto, agora que apresento ao público esta obra “Vivências de Umbanda”, não poderia deixar de agradecer ao Pedrinho da Praia, pois ele apontou lá no passado alguns caminhos que eu deveria trilhar, futuramente. Salve Pedrinho, aonde quer que você esteja! Onibejada!

RELATOS DAS VIVÊNCIAS

(PARTE 1)

1- PREVISÕES DO CABOCLO

Meu primeiro contato com a Umbanda se deu na minha infância, lá pelos idos dos anos 70. Eu deveria ter entre sete e nove anos de idade, na primeira vez em que pude observar uma manifestação mediúnica dentro da corrente umbandista.

O Caboclo G. era uma entidade firme, sem meias palavras, muito procurado por pessoas aflitas a busca de uma orientação. Sua médium era uma senhora já idosa naquela época, a quem nós chamávamos carinhosamente de "vovó Maria". No entanto, quando ela ficava mediunizada, ganhava força e vivacidade incomuns. Isto eu já observava, naqueles tempos, embora eu fosse apenas um garoto. E como de vez em quando eu não ia muito bem na escola, pedia a minha mãe para me levar ao caboclo, de modo que ele pudesse me rezar e fornecer alguma confiança nos meus estudos. Quanto a isso, tudo sempre deu certo e nunca repeti de ano...

Num determinado dia, dentro da minha curiosidade infantil, perguntei ao caboclo o que eu seria quando crescesse. Para minha surpresa, a entidade falou muitas coisas, e com pormenores, sobre o meu futuro. Com o tempo, fui percebendo que as situações foram se concretizando... A entidade, de alguma forma, sabia de pontos fundamentais da programação de vida de cada "consulente", ou seja, os principais aprendizados planejados, antes de reencarnar.

Dentre as previsões que o caboclo fazia, destaco uma que presenciei, quando uma pessoa, que era minha parente, indagou quando meu avô morreria. A resposta, que eu ouvi claramente, foi: "Minha filha, aquele velho ainda vai enterrar muita gente. Ele tem vida longa e muitos vão partir antes dele..." Os anos se passaram e vários parentes meus foram falecendo, inclusive a pessoa que havia perguntado sobre a morte de meu avô paterno. Até mesmo os filhos de meu avô, meu pai e meu tio, vieram a desencarnar vários anos antes. Somente depois do ano 2000, com quase 100 anos de idade, meu avô retornou ao Mundo Espiritual. Aconteceu exatamente como o Caboclo G. havia dito.

Isto demonstra que entidades de Umbanda bem acopladas a médiuns equilibrados podem revelar, corretamente, uma parte da programação existencial dos consulentes, quando permitido pela Espiritualidade Maior. E eu pude presenciar, ainda na minha infância até a adolescência, várias consultas daquele guia tão firme e sóbrio ao mesmo tempo, que ajudou tantas pessoas enquanto sua médium, a "vovó Maria", esteve entre nós. Aproveito este momento, para deixar um agradecimento especial ao Caboclo G. e a sua médium, que desencarnou há muitos anos.

2- GUIAS QUE SE ROMPEM

O tema deste relato é sobre as guias utilizadas pelos médiuns de Umbanda. Isto é, refere-se aos colares ritualísticos, de vários tipos de materiais, que os adeptos umbandistas usam durante as sessões e em outras atividades. De uma forma geral, vou comentar que as guias não são peças decorativas, mas sim instrumentos de apoio aos médiuns de Umbanda. Fundamentalmente, as guias têm a finalidade de potencializar a conexão do médium com a entidade de trabalho e, de forma mais relevante, ser uma ferramenta de proteção contra as chamadas "cargas negativas", ou seja, o magnetismo prejudicial com o qual os umbandistas se defrontam nas suas tarefas mediúnicas. Esse aspecto protetor das guias parece um tanto teórico, mas pude presenciar fatos em que as guias foram rompidas de forma bem evidente, durante trabalhos mediúnicos pesados. Este relato é sobre isso.

Numa sessão recente de Cosme e Damião (gira de crianças), onde eu estava presente, ocorreu um fato bem interessante. Os espíritos da Linha das Crianças estavam incorporados, exercendo suas atividades que aparentemente são brincadeiras, mas que na realidade são trabalhos mediúnicos onde orientam, retiram influências negativas ou atuam no sentido da cura. Um guia com esta forma infantil (Crispiniano), que conheço há muitos anos, através da médium T., conversava com uma consulente, tendo já atendido a alguns pedidos dela, mas que, ainda não satisfeita, pediu que rezasse uma perna doente. No entanto, Crispiniano normalmente não trabalha retirando cargas negativas muito densas, quase sempre deixando isso para outras entidades que são especialistas neste contexto. E ele falou a uma outra criança espiritual: "Coleguinha, isso não é pra mim não! Faz você!" Então, outra médium incorporada dirigiu-se à consulente, para lhe dar um passe. Em questão de segundos, durante o passe, uma guia que ela utilizava rompeu-se, acontecendo o que eu já presenciara em muitas outras oportunidades, quando médiuns de Umbanda têm que trabalhar com bioenergias deletérias. À médium cuja guia se partiu, restou juntar

as contas, depois que saiu do transe mediúnico, e despachá-las. Esta era a orientação daquela casa espiritualista, para casos como aquele.

Aliás, já estive em giras muito "pesadas" em que várias guias de médiuns diferentes romperam-se durante os trabalhos, evidenciando como esses colares ritualísticos são verdadeiros "para-raios". E destaco que o rompimento de guias não acontece com muita frequência, podendo esses instrumentos durarem anos sem se partirem, mas, em certas circunstâncias, acontece de muitas guias "estourarem" dentro de uma mesma sessão. Inclusive, já observei guias novas e bem confeccionadas, guardadas adequadamente, ou seja, sem fadiga de material e sem qualquer pressão física sobre elas, apresentarem-se rompidas após os médiuns tê-las ido buscar em seus armários ou sacolas. Isto é um indício de que essas "ferramentas" também funcionam como objeto de descarga, mesmo quando não estão em uso pelos médiuns.

Uma vez, presenciei o rompimento de duas guias no pescoço de um médium, com um intervalo de poucos segundos. No entanto, neste caso não se tratou da descarga de negatividade sobre elas, mas sim de um efeito físico provocado pela atuação de um caboclo. Um caso muito interessante, que contarei em outra oportunidade...

3- CABOCLO DISCIPLINADOR

Na segunda metade dos anos 90, assisti, durante uma sessão de Umbanda, a ação disciplinadora do Caboclo Peri sobre um médium desequilibrado.

Sistematicamente, o médium F. vinha causando alguma perturbação nas atividades normais do terreiro, ora intrometendo-se nas tarefas atribuídas a outras pessoas, ou, de outra forma, desobedecendo às orientações das entidades da casa. E o médium F. já tinha vários anos de experiência no Umbandismo, tendo inclusive sido cambono em outro centro, antes de vir a juntar-se àquela instituição espiritualista. Contudo, seus traços de caráter negativos persistiam e, ali, pareciam ter se evidenciado ainda mais, pois ele passava por problemas familiares. Sua ansiedade e impaciência chegaram a tal ponto que, por vezes, questionava algumas decisões do dirigente encarnado do centro. Em resumo, F. havia se tornado extremamente inconveniente.

Aquela sessão, dedicada principalmente à Linha de Oxossi, transcorria normalmente. Os principais médiuns já estavam incorporados com seus caboclos. Porém, pouco antes do atendimento ao público, o médium Tércio, mediunizado pelo Caboclo Peri, puxou um ponto. E enquanto cantava, virou-se para o médium F., ficando de frente a este, há cerca de dois metros. Então, o caboclo esticou o braço, apontando-lhe um dedo na direção do peito. Em fração de segundos, uma guia do médium F. rompeu-se, deixando cair pelo piso muitas contas, que quicavam com intensidade. Logo a seguir, o caboclo repetiu o ponto cantado, e novamente apontou para o peito de F. O resultado imediato foi que uma outra guia automaticamente partiu-se, e inúmeras novas contas de louça foram para o chão. O médium ficou paralisado e com os olhos arregalados, enquanto o caboclo cantava o mesmo ponto e, agora, dançava pelo terreiro. Aquela entidade, que eu muito admirava, havia utilizado o ectoplasma de seu médium para provocar um efeito físico sobre as guias

de F. O Caboclo Peri, através da letra do ponto e do rompimento das guias, exigia respeito à Espiritualidade.

O recado estava dado! A partir daquele dia, o médium F. melhorou substancialmente suas atitudes. Ele entendeu que Umbanda é Amor e Caridade, mas também é Disciplina.

4- O ASSASSINO E O PRETO-VELHO

Era o final da década de 90. Eu participava de mais uma sessão de "mesa de Umbanda". Eu e a amiga Tetê Souza, ambos médiuns do centro, sentávamos lado a lado. Havíamos chegado um pouco preocupados na casa espiritualista, pois sabíamos que lá, naquele dia, iria um "matador" a procura de ajuda. Aquele homem era uma espécie de "justiceiro" de um bairro próximo, e sempre que aparecia alguém estranho na localidade, quando desconfiava que poderia ser um malfeitor, acabava cometendo assassinato. Sabíamos disso, pois sua ex-mulher estava frequentando o centro, e nos preveniu que o homem pedira para ir lá em busca de auxílio. E ele estava sentado, bem quieto, a espera de algo.

Após algumas atividades, chegou a hora das entidades de Umbanda atuarem de forma mais evidente. Antes que eu pudesse sentir qualquer vibração mais forte, Tetê Souza recebeu o Caboclo Pena Verde. E ele chamou o "visitante", dando-lhe uma severa bronca. Disse que ele não tinha o direito de fazer a "justiça" com as próprias mãos, dentre outras coisas. Falou também que ele não vinha dormindo bem e que era devido aos quatro que estavam "nas costas dele". Por fim, explicou que ele receberia uma ajuda ali, mas que não deveria voltar a fazer o que vinha fazendo. Então, o Sr. Pena Verde se despediu e assinalou que um guia do próprio consulente viria na médium Tetê Souza para ajudá-lo. A seguir, o caboclo "subiu" e logo sua médium recebia um típico preto-velho, que todos entendemos ser um protetor espiritual do homem que se tornara um assassino.

O preto-velho, em tom de lamentação, deu orientações ao seu pupilo. A entidade estava bastante entristecida pelo procedimento de seu filho na Terra. Não recorde com exatidão as palavras do preto-velho, devido ao momento tenso e um tanto constrangedor, mas em resumo ele disse que socorreria àqueles que haviam perdido a vida de forma brusca e violenta.

Então, o preto-velho disse ao "justiceiro" que colocasse as suas mãos nos ombros da médium. Logo na sequência, a entidade subia para trazer um rapaz que havia sido assassinado pelo consulente. Aquele espírito perturbado chorou muito e questionou várias vezes por que havia sido morto. Disse que tinha muita vontade de viver, enfatizando que era muito novo para ter perdido a vida. O dirigente da casa, Néelson Vilhenna, conversou com a entidade sofredora, até que ela partisse em sono induzido. A seguir, o preto-velho retornou e, após algumas palavras ao seu pupilo, despediu-se dizendo que todos são filhos de Deus, e que todos têm o direito de viver.

O consulente, então, foi convidado a sentar-se novamente num canto do salão. Ali ele ficou, silenciosamente, até o final da sessão, quando agradeceu furtivamente, para não mais retornar ao nosso centro.

Para nós, ficou a lição da dificuldade dos espíritos-guia e protetores em nos orientar num caminho positivo de vida. Era evidente o próprio sofrimento do preto-velho, em presenciar os desvios que seu pupilo vinha cometendo no Plano Físico.

E o que aconteceu com o "justiceiro"? Soubemos que ele se mudou da cidade, indo para o interior do Estado do Rio de Janeiro. Espero que tenha conseguido dominar seus próprios ímpetos de violência. No entanto, pela Lei de Causa e Efeito, há um débito dele em relação à Vida, que só no futuro poderá transformar adequadamente.

5- A POMBA-GIRA QUE IMPEDIU UM ABORTO

Conheci Dandara no final dos anos 90. A mãe de Dandara era colega de trabalho de Tetê Souza, uma companheira médium com quem atuo até os dias atuais. Foi por intermédio de Tetê Souza, que Dandara e sua mãe passaram a frequentar o centro, onde eu e Tetê labutávamos à época.

Após um curto período comparecendo na nossa casa espiritualista, Dandara pediu a Tetê Souza, por meio de um telefonema, uma orientação particular através do baralho cigano. A médium concordou e chamou a jovem para ir, no final de semana seguinte, a sua residência. Eu lá estava, notando que a moça e sua mãe chegaram com fisionomias tensas. O assunto deveria ser grave.

Depois que nos cumprimentamos, Tetê Souza foi para o cômodo destinado ao oráculo. Nada havia se falado sobre o motivo de Dandara e sua mãe estarem ali. O jogo de cartas seria realizado “às cegas”, isto é, sem a declaração dos possíveis problemas.

Em seguida às preparações e orações iniciais, a médium abriu as cartas. Ela fazia interpretações gerais, como de hábito, no início de cada jogo. Mas, não houve prosseguimento, porque a Sra. Maria Padilha aproximou-se de Tetê Souza, para logo se manifestar através da incorporação.

A pomba-gira, como sempre muito firme, disse a Dandara que ela já havia “tirado um filho” e jogado na “lata do lixo”, um tempo atrás. E sem que houvesse qualquer reação das pessoas presentes, a Sra. Padilha arrematou: “Se você fizer isso de novo, é você quem vai parar na lata de lixo. Esse espírito que está aí agora é o mesmo que tentou vir anos atrás.”

Dandara, em prantos, comentou que estava preocupada, pois seu namorado estava distante, trabalhando em outro estado. Colocou também que precisava de ajuda para criar o bebê e não sabia se o rapaz assumiria a paternidade. Contudo, a Sra. Padilha falou que o pai voltaria e assumiria o relacionamento e o filho. A jovem,

diante da informação, disse à entidade que esta era a confirmação que estava esperando da Espiritualidade. Não iria mais “tirar o bebê”, em hipótese alguma.

Não demorou muito e a pomba-gira subiu, deixando a médium um pouco atordoada. Após alguns minutos, Tetê Souza voltou à normalidade. Então, vieram algumas revelações por parte de Dandara e sua mãe. A primeira é que Dandara havia feito um aborto quando tinha 14 anos de idade. Agora, aos 20, estimulada pela mãe, estivera prestes a fazer um segundo aborto. A mãe, alguns dias antes, havia comprado comprimidos abortivos, mas o rapaz da farmácia não conseguira encontrar o endereço por nada, mesmo passando próximo à casa, diversas vezes, deixando de entregar o “remédio”. Dandara, em face do ocorrido, tinha interpretado isso como um sinal da Espiritualidade de que não deveria tirar o bebê. E assim, dissera à mãe que procuraria uma confirmação através do baralho cigano de Tetê Souza, apesar de certa contrariedade da sua genitora.

Depois da “confissão” das duas, a médium ficou bem espantada com essa história toda, que ela desconhecia completamente. A Sra. Padilha, no entanto, sabia de tudo, e na primeira oportunidade se manifestou para evitar mais aquele aborto.

Hoje, muitos anos depois, Dandara é mãe de três crianças e é enfermeira formada. O primeiro filho já é um adolescente e é aquele que a pomba-gira protegeu para que pudesse nascer. O marido de Dandara é aquele rapaz que estava distante, a trabalho, e retornou para assumir a paternidade e formar uma bela família. Aliás, seu marido acabou por se tornar um médium atuante na corrente umbandista. E a mãe de Dandara? É uma avó bem atarefada, muito requisitada para dar uma mãozinha para cuidar dos netos.

E quanto a mim, que apenas registrei esses fatos? Bem, só posso agradecer a Deus por ter sido testemunha desses acontecimentos e salve a Sra. Maria Padilha!

6- O CAMBONO E A PRETA-VELHA

Era o final do ano de 1993. Eu estava no início do meu desenvolvimento mediúnico e apenas sentia as vibrações, mas ainda não incorporava. Então, naquele centro no qual permaneci por cerca de um ano, colocaram-me na função de cambono. A minha tarefa era auxiliar às entidades que se manifestavam através da "mãe pequena" do terreiro. Ela trabalhava muito bem com um caboclo, com uma pombagira e com uma preta-velha, que davam consultas em diferentes dias.

No curto período em que permaneci naquele centro, aconteceram experiências interessantes, e dentre elas, uma em que eu cambonava a preta-velha Tia Maria. Essa entidade, que atuava através da mãe pequena, explicava que ela não era "Vovó Maria", pois não havia sido mãe em vida e, assim, era chamada "Tia Maria".

Bem, a mãe pequena tinha certo receio de trabalhar com a sua preta-velha, pois às vezes ela se sentia mal durante ou após as atividades. Naquela noite, tudo corria bem e a Tia Maria já havia atendido entre oito e dez consulentes. Entretanto, num dado momento, a entidade disse que ia subir, para seu aparelho se recuperar do desgaste. A Tia Maria subiu, mas a mãe pequena estava enjoada. De repente, sem que eu pudesse fazer nada, a médium correu para o banheiro. Alguém então me disse: "Vá atrás, pois você é o cambono dela". E eu fui até o banheiro, cuja porta ficara aberta, onde ela estava curvada vomitando no vaso sanitário. Fiquei ao seu lado e tive compaixão dela, pois, afinal de contas, ela estava fazendo um serviço inteiramente gratuito, com o sacrifício de suas próprias forças. Com este sentimento, pensei fortemente em emitir uma parte de minhas bioenergias, para que ela se recuperasse. Logo em seguida, senti uma forte pressão na minha testa e, da região entre os meus olhos (o chacra frontal), partiu um forte fluxo bioenergético em direção à cabeça da mãe pequena, que terminava de vomitar, com o rosto voltado para baixo. Fiquei meio tonto, após este procedimento, mas logo me recuperei.

Então, aquela senhora ergueu-se e amparei-a por um braço. Ela me disse que estava tudo bem e que iria se lavar, arrematando que eu poderia voltar ao terreiro.

Poucos minutos depois ela estava sentada novamente no banquinho da preta-velha. A entidade retornou e mandou chamar os consulentes que faltavam. Eram mais duas senhoras, que foram atendidas adequadamente, sem pressa, pela Tia Maria.

Ao final da gira, a preta-velha, antes de ir embora, fez um sinal para eu me aproximar mais. Fiquei de cócoras, ao seu lado, e ela falou ao meu ouvido: "Cambono, muito agradecida pela vibração que você fez pelo meu aparelho lá no banheiro, enquanto ela estava vomitando. Eu vi. Deus pague a sua caridade."

Fiquei muito surpreso com as palavras da Tia Maria, pois notei que a entidade estivera presente no banheiro, momentos antes, e ela percebera que eu havia enviado uma parcela de minhas bioenergias para a sua médium. Eu não havia comentado nada à mãe pequena, e, na realidade, com ninguém. Ali eu tive uma pequena comprovação pessoal da presença da Espiritualidade entre nós. Além disso, concluí que a função de um cambono não é apenas atender aos pedidos da entidade incorporada, nem só fazer as devidas anotações de recomendações aos consulentes, mas também fornecer um suporte energético aos trabalhos em andamento. Muitos cambonos, pelos terreiros de Umbanda de nosso País, não compreendem bem o seu papel numa gira. Alguns até sentem-se diminuídos em seu valor pessoal, pois acham mais importante o trabalho de consulta ou descarrego que os médiuns incorporantes realizam. No entanto, uma gira de Umbanda só transcorre bem, pela atuação segura e dedicada dos cambonos. O médium incorporado, sem o auxílio adequado de um cambono, pouco ou nada pode fazer, até mesmo porque é muito comum, em sessões mais densas vibratoriamente, tanto o médium incorporante como o seu cambono terminarem a gira com um significativo grau de exaustão. E porque isso acontece também com os cambonos? Por que os cambonos, ainda que não percebam, são doadores de ectoplasma (bioenergias) para as tarefas em execução, ou seja, atuam

inconscientemente também como médiuns de sustentação da casa espiritualista. Portanto, a Umbanda precisa de bons médiuns incorporantes, com equilíbrio emocional e uma índole amorosa, mas também camponos bem preparados, dedicados e com muito amor pelo que fazem. Esta união de fatores é fundamental para que os melhores resultados sejam atingidos.

7- O CABOCLO E A ASMA

Por volta do ano 2000, assisti a uma consulta do Caboclo Peri, manifestando-se através do médium Tércio, no terreiro em que fui “pai pequeno” por cerca de sete anos.

O consulente Edson, que já frequentava a casa há três anos, vinha naquele dia com um pedido especial a fazer. Ele havia passado num concurso público federal muito disputado, que, aliás, havia sido orientado a realizar pelos guias do centro, mas estava muito preocupado com a fase seguinte, quando haveriam testes físicos. Edson vivia atribulado por uma asma crônica e andava sempre com aquela típica “bombinha”, para usar o medicamento quando necessário, no dia a dia.

O Caboclo Peri ouviu o jovem com atenção e, a seguir, mandou buscar no quintal algumas ervas que, infelizmente, não me recordo mais. Um cambono trouxe o material em grande abundância e a entidade selecionou e dosou a quantidade de folhas. Então, ordenou que as ervas fossem maceradas e colocadas em três garrafas com vinho tinto. O Caboclo Peri orientou o consulente a esperar três dias para começar a tomar o “remédio”, numa determinada dose. E disse para fazer isso durante todo o período dos testes físicos. Edson, que havia escutado com bastante atenção, agradeceu muito, mas tornou a falar de sua preocupação de não passar nos testes físicos, assinalando que seriam bem rigorosos, inclusive tendo uma corrida eliminatória de 2000 metros, que deveria ser realizada num curto período de minutos. O caboclo, confiante, disse ao jovem que ele não teria nenhuma crise asmática e que superaria o teste.

Na sessão seguinte, Edson retornou ao terreiro. Perguntei-lhe como ia com o “remédio” do Caboclo Peri. O rapaz estava muito satisfeito, pois em seus treinamentos não havia passado por mais nenhuma crise de asma. Assim, estava muito esperançoso quanto aos testes físicos, deixando para trás a angústia de ser

reprovado naquela fase, já que tinha realizado talvez o mais difícil, que era a prova de conhecimentos gerais e específicos daquele concurso público.

O tempo passou e Edson tomava diariamente a dose da “garrafada” do caboclo, até que chegou o dia dos testes físicos. O jovem conseguiu se sair bem e foi aprovado, sem qualquer sinal da asma crônica. Com isso, perdemos a boa companhia daquele amigo, que teve que se mudar de estado, indo para longe do Rio de Janeiro. No entanto, ele ainda manda notícias. Até hoje ele é servidor público federal e pôde manter sua família e ampliá-la, fornecendo uma boa educação aos seus filhos.

Este caso, que nunca esqueci, demonstra que o conhecimento sobre as propriedades curativas das ervas tem grande potencial de expansão e a nossa ciência precisa continuar a estudar os princípios ativos das plantas nacionais. E quase no final deste relato, ressalto a sabedoria do Caboclo Peri e lamento novamente não ter anotado quais ervas foram utilizadas. Só poderia recuperar essas informações se pudesse conversar com a entidade, mas o médium Tércio não está mais entre nós. Aliás, a combinação energética entre entidade e médium precisa ser muito boa, de modo a permitir manifestações que propiciem resultados satisfatórios como este. O médium é fator fundamental no processo mediúnico, pois precisa ter equilíbrio emocional e não alimentar vaidades ou interesses materiais. Atendendo a esses requisitos, o médium terá ao seu lado, de fato, os verdadeiros guias de Umbanda.

8- A REVELAÇÃO DO PRETO-VELHO

Em 1998, tive uma grata surpresa durante uma sessão de pretos-velhos. A entidade que trabalha através da minha mediunidade já havia subido, após o atendimento de algumas pessoas. Eu já estava bem recomposto, passando a observar alguns guias da Linha das Almas, em pleno exercício mediúnico.

Num dado momento, passei a fixar minha atenção na médium Tetê Souza, que também estava trabalhando com um preto-velho. O jeito dele conversar com os consulentes, a maneira com que batia o cajado no solo e a personalidade que exalava não me eram estranhos. No entanto, como no C.E.F.J, centro do amigo e dirigente Néelson Vilhenna, se trabalhava muito mais com a Linha de Oxossi, era raro ver Tetê Souza incorporada com uma entidade da Linha das Almas. Além disso, nela vinha uma vovó e não uma entidade masculina.

Continuei observando a atuação do preto-velho, até que me distraí com alguém que me pediu um copo d'água. Logo a seguir, retornei para o terreiro e, para minha surpresa, o guia me chamou: “Meu filho, venha cá.” Aproximei-me, prontamente, ajoelhando-me em frente à entidade. E ele indagou: “Você está me conhecendo?” Respondi rapidamente, pois naquele exato momento tive uma certeza interior de quem ele era: “Sim senhor! Eu acredito que sei quem é o senhor.” O preto-velho sorriu e perguntou: “E qual é o meu nome?” Logo respondi: “É Pai Tomé!” O guia, satisfeito, falou: “Muito bem, meu filho, me reconheceu não é mesmo? Percebeu que estou na sua vida há muito tempo, não é mesmo?”

Na sequência, a entidade me deu algumas instruções pessoais, nas quais prestei muita atenção. Depois ergui-me e passei a pensar na ocorrência. Aquele preto-velho havia sido a entidade da Linha das Almas que vinha através da minha mediunidade, no primeiro terreiro de Umbanda, onde iniciei meu desenvolvimento mediúnico. Fora Pai Tomé que me ajudara nos meus primeiros passos, na corrente umbandista, entre 1993 e 1994. Depois que eu havia deixado aquele centro e me

filiado ao C.E.F.J., nunca mais tivera contato com Pai Tomé. Quem assumiu a minha mediunidade, na Linha dos Pretos-velhos, foi Pai Cipriano, com quem trabalho até os dias de hoje. No entanto, a partir de 1998, a médium Tetê Souza, com quem atuo conjuntamente há um bom tempo, passou a trabalhar com Pai Tomé até os dias atuais. É por esse tipo de acontecimento que podemos perceber que a egrégora espiritual, com a qual temos afinidade, nunca deixa de nos acompanhar. Neste meu caso, fiquei entre quatro a cinco anos sem ter um contato evidente com Pai Tomé. Na verdade, eu não fazia a menor ideia de onde ele andava e se voltaria algum dia. Estava quase esquecido na minha curta memória de encarnado. Porém, ele ali se fez presente e continua labutando através de Tetê Souza, frequentemente, com o seu jeito inconfundível, o que demonstra que essa entidade tem uma programação espiritual com esta médium. E dou graças a Deus que Pai Tomé esteja sempre por perto com seus valiosos conselhos e alguns necessários “puxões de orelha”.

9- O “HERÓI DO DIA” NO TERREIRO

Por volta de 1994, no início do meu desenvolvimento mediúnico, eu ainda "estagiava" no meu primeiro terreiro de Umbanda. Naquela casa, toda abertura de trabalhos era coordenada pela entidade da Linha de Ogum da dirigente espiritual. Ele incorporava em sua médium e fazia uma oração para, em seguida, realizar uma breve preleção com orientações às pessoas presentes. Aquele guia era muito sério e disciplinador, não aceitando desatenções e brincadeiras fora de hora. Assim, os integrantes do centro respeitavam muito aquela entidade.

Num determinado início de noite, quando a gira começava normalmente, o guia espiritual já estava se manifestando através da "mãe de santo". Ele fazia uma oração de abertura e nós, os médiuns, estávamos ajoelhados naquele momento, como de praxe. No entanto, na minha direita, observei que a tampa de um ralo havia quebrado e, por uma fenda, já surgiam algumas baratas. Ao meu lado esquerdo, a "mãe pequena" logo apontou os insetos e ameaçou entrar em desespero. Eu fiz um sinal para que se acalmasse. Eu tentaria "dar um jeito", mas eu estava preocupado em não fazer barulho, de modo a não chamar a atenção do Sr. Ogum, que orava de frente ao altar, olhando fixamente para este. Se eu fizesse alguma bobagem, eu seria o alvo da bronca. De outra forma, se me omitisse, haveria uma bagunça, pois a grande maioria do quadro mediúnico da casa era feminino e, a maior parte delas, anteriormente, já havia comentado sobre o terror às baratas.

Então, outra médium viu os insetos e soltou um "Ai!". Ia acontecer um caos e, por isso, venci a repulsa pelas baratas, matando duas com minha mão direita, esmagando-as no piso. Em ato contínuo, peguei um vaso de flores e espremi uma terceira sob a base do objeto, fazendo certo barulho. A entidade incorporada olhou rapidamente para o meu lado e manteve-me quieto como se nada tivesse acontecido. O Sr. Ogum voltou à oração, olhando para a frente. Em seguida, peguei o vaso de

flores e tampei a fenda no ralo. Foi um alívio geral, pois mais duas ou três médiuns viram que as baratas estavam por ali.

A sessão teve sequência e depois puxaram pontos da Linha de Oxossi, pois era dia dos caboclos darem consulta. Alguns já estavam "em terra" e o guia da "mãe pequena" me abordou e falou: "Que vergonha do meu aparelho! Tanto medo por causa desses bichinhos! E você, cambono, já lavou as suas mãos?" E respondi: "Não senhor!" Então a entidade me orientou: "Filho, a disciplina é importante, mas você pode sair do terreiro se necessário. É só pedir licença. Vá lavar as mãos!"

Então, fui ao banheiro fazer a devida higiene, para poder retornar a minha função de cambono no terreiro. Ao final da sessão, algumas médiuns vieram agradecer a minha atitude e uma delas disse que eu havia sido o "herói do dia". Achei a situação engraçada e nunca mais a esqueci.

Hoje, enquanto finalizo este relato, posso entender o que não compreendia bem naquela época, quanto à necessidade de forte disciplina, que caracteriza os bons terreiros de Umbanda. Ao longo do tempo, fui notando que os consulentes que procuram o Umbandismo, muitas das vezes estão em desespero, em situações realmente críticas. E nesse contexto, não havendo disciplina, o templo umbandista pode se transformar num palco de manifestações de espíritos mistificadores ou zombeteiros, ao invés dos legítimos guias dessa tão importante corrente espiritualista.

10- IANSÃ E A FORÇA DOS VENTOS

A Umbanda é uma religião com grande diversidade, e na minha caminhada neste meio, tive experiências e aprendizados de vários tipos. Participei de um terreiro que basicamente só usava velas e copos d'água nas sessões, enquanto que em um outro haviam oferendas ritualísticas mais tradicionais. Também atuei na chamada “mesa de Umbanda”, onde ocorriam estudos de base espírita (Allan Kardec), associados a trabalhos desobsessivos com entidades da corrente umbandista.

Numa de minhas fases de aprendizado, num determinado centro, comemorava-se a data referente à Santa Bárbara. Ali realizavam-se oferendas aos orixás e Iansã seria homenageada. A ideia era colocar o alimento preparado no quintal do terreiro, diretamente no tempo, mas dentro dos limites da casa espiritualista, que era toda cercada por muros. O calor de dezembro era intenso, como quase sempre o é aqui no Rio de Janeiro. Era um dia bem abafado, no horário da tarde, com o sol ainda alto no céu. Não corria nem a mais branda brisa, para aliviar o nosso pequeno grupo de sete ou oito médiuns, presentes àquele ritual de firmeza da casa.

Já do lado de fora, o dirigente do centro passou-me a travessa de louça com a oferenda. Alguém puxou um ponto cantado de Iansã e eu aproximei-me do local preparado para colocar o alimento. No entanto, no último momento, tive a intuição de erguer a oferenda para o céu, antes de pousá-la no gramado. Fiz isso, esticando os braços sobre a minha cabeça, oferecendo à "Senhora das Tempestades" e pedindo mentalmente ajuda para todos do terreiro. Instantaneamente, assim que meus braços se esticaram ao máximo, surgiu uma rajada de vento muito forte. O grande portão de ferro da casa sacudiu com violência e três médiuns mulheres receberam entidades da corrente de Iansã. Mantive-me com os braços esticados no alto, enquanto meu corpo todo se tremia, pois eu recebia uma descarga vibratória muito intensa. Uma ventania varria o quintal, levantando poeira, enquanto o portão continuava se sacudindo com estrondo. As janelas abriam e fechavam com força.

Deitei a oferenda no nível do solo e o vento começou a abrandar. Após o término da manifestação das entidades pelas médiuns, a ventania acabou. Todo esse movimento ocorreu por cerca de cinco minutos e logo o abafamento voltou a predominar, como se nada tivesse acontecido.

Depois do fechamento da sessão, nós e o dirigente comentamos a conexão entre a nossa atividade e a ocorrência da súbita ventania, justamente no momento da entrega da oferenda. Além disso, houve uma correspondência exata do erguimento do alimento com a chegada das entidades. Pareceu-nos que elas teriam trazido toda aquela movimentação inesperada e repentina da atmosfera. Teria sido mera coincidência? Na realidade, isso não nos importava muito. Para nós, ali houve uma típica manifestação do “Orixá das Ventanias e Tempestades”. E os pedidos realizados, naquele dia, à “Santa Guerreira”, foram todos concretizados. Salve Santa Bárbara! Salve Iansã! Eparrei Oyá!

11- O AVISO DO CABOCLO PENA VERDE

Numa das primeiras vezes em que fui a uma mata, para participar de atividades mediúnicas na corrente umbandista, recebi um aviso importante para a minha caminhada. Éramos um pequeno grupo, formado pelo amigo e dirigente espiritual Néelson Vilhenna, pelas amigas e médiuns Tetê Souza e Mariana, por mim e Fabíola di Mello. O ano do fato foi 1995.

Após breve caminhada, chegamos à beira de um riacho, que corria suavemente logo depois da queda d'água de uma pequena cachoeira. Ali fizemos orações e lavamos as nossas cabeças, buscando renovação de nossas bioenergias para o bom exercício da mediunidade.

Quando quase já nos retirávamos do belo lugar, Tetê Souza deu passagem ao Caboclo Pena Verde. Ele disse que não poderia deixar de descer, para dar um abraço em cada um de nós. Manifestou satisfação pelo nosso empenho e boa vontade em aceitarmos a missão na Umbanda.

Então, aproximou-se de mim, dando-me o seguinte recado: “Se prepara moço, que você vai ver muita tristeza nessa vida. Vai lidar com muita miséria. Se mantenha forte, que a missão é árdua.” Eu respondi que não tinha problema e que estava firmemente disposto a encarar os obstáculos. A entidade arrematou: “Muito bem filho! Vou estar sempre por perto para ajudar.”

Bem, naquela altura da minha jornada, com 27 anos de idade, posso dizer que acreditei prontamente no aviso do caboclo. Porém, realmente não podia imaginar a intensidade de tudo que vivenciaria no futuro, dentro da Umbanda.

Com o tempo, através da mediunidade, lidei com casos bem difíceis, que foram reduzindo um certo grau de inocência da minha personalidade. A realidade era dura e logo concluí que minha “ficha cármica” não devia ser das mais leves. Para citar alguns exemplos de situações, que chegaram até meus guias, coloco: traições conjugais; casos de abuso sexual de crianças dentro das próprias famílias;

assassinatos ou ameaças de morte; consulentes viciados em drogas ilícitas; alcoolismo; casos muito difíceis de magia negra; pessoas com problemas psíquicos graves; doenças incuráveis pela medicina terrena; desespero devido a desemprego; indivíduos com tendências suicidas; dentre outros problemas de difícil solução.

Assim, acabei por compreender que a mediunidade de Umbanda, no geral, apresenta um grande componente cármico, que é reflexo de atitudes muito negativas em vidas passadas, o que pude constatar também através de regressões terapêuticas de memória, da minha pessoa, e de médiuns umbandistas amigos. Nesse contexto, sempre foi muito importante ouvir do Sr. Pena Verde a frase “A espiritualidade não é parque de diversões”, uma expressão que ele usava quando chegavam, até o nosso centro, médiuns sem experiência e ainda com muitas ilusões em mente.

Contudo, os guias da Umbanda são muito sábios e sabem lidar com todas essas dificuldades. Por isso, nas giras umbandistas há também momentos indispensáveis de descontração, para uma compensação em relação às pressões psicológicas. Para isso, conta-se com a alegria do erês; com o bom humor dos compadres exus, quando a situação permite; com os cânticos de Umbanda; com as sessões que possuem algum caráter festivo; etc.

Fechando este relato, assinalo que até mesmo o firme e sério Caboclo Pena Verde apresenta bom humor de vez em quando, surpreendendo àqueles que se relacionam com ele. Sou muito grato pela sua presença em minha vida, tanto nos momentos bons, como naqueles mais difíceis. Salve Senhor Pena Verde!

12- A MULHER CIUMENTA E O EXU

Em 1994, ainda no início do meu desenvolvimento mediúnico, eu rapidamente fui colocado para trabalhar com exu. Naquele terreiro, cujo corpo mediúnico era formado em sua maioria por senhoras com mais de 60 anos de idade, acabei me tornando uma “peça” razoavelmente relevante, pois os casos mais difíceis de descarrego eram passados para mim. Naquela situação, eu tinha como aspecto positivo a juventude e o vigor físico, me recuperando rapidamente dos desgastes bioenergéticos. Além disso, com os meus apenas 26 anos, havia uma certa inocência de minha parte, o que me permitia ignorar a habilidade e negatividade dos obsessores, também denominados “eguns” ou “quiumbas” por algumas pessoas. Isso causou-me alguns percalços posteriores, o que poderei contar em outros relatos.

Além dos descarregos que realizava, também confiaram na minha mediunidade para dar consultas, embora eu ainda fosse inexperiente. Por isso, colocaram um cambono antigo da casa, o Mário, para me auxiliar durante os trabalhos e fazer as devidas anotações aos consulentes.

Numa determinada noite, surgiu a primeira consulente de minha missão mediúnica. Ela conversou com o Sr. Sete Encruzilhadas, um exu com o qual eu atuaria intensivamente por um pouco mais de 10 anos de minha jornada. Hoje trabalho com outro exu, mas o Sr. Sete ainda aparece de vez em quando nas giras atuais. Voltando à primeira consulta em si, o cambono Mário, ao final da sessão, passou-me alguns detalhes interessantes sobre o diálogo do meu guardião com a consulente. Disse-me que a mulher era muito ciumenta e que desconfiava de muitas atitudes de seu marido. Ela queria saber “a verdade”, isto é, se o marido dela estava fazendo alguma traição. Mário comentou que o Sr. Sete tinha boa “psicologia”, tentando mostrar à consulente que boa parte das suas aflições só existia dentro da mente dela. No entanto, o cambono assinalou que a mulher era muito insistente com a sua paranoia de traição, a tal ponto que o exu foi mais incisivo e falou: “Se você

continuar com esse ciúme, sua casa vai ficar toda quebrada”. Em seguida, Mário salientou que a consulente calou-se e, após instantes de silêncio, e com os olhos arregalados, disse: “É verdade! O senhor tem razão! Ontem mesmo, eu atirei um prato no meu marido”.

Na sequência, o cambono comentou que se afastou um pouco mais, tentando dar maior privacidade à conversa do meu guardião com a senhora ciumenta. E em resumo, arrematou dizendo que a mulher pareceu aceitar melhor as orientações do Sr. Sete Encruzilhadas, após este ter revelado que a sua casa ficaria "toda quebrada".

Nas sessões seguintes em que haveria consulta com os exus, aquela ainda jovem senhora sempre retornava para conversar com o Sr. Sete. Segundo o Mário, o teor geral das preocupações dela ficavam no entorno do marido, com o qual ela tinha um filho pequeno. Ela era teimosa em suas dúvidas, mas, com o tempo, foi ficando mais sossegada.

Enquanto eu estive naquele terreiro, por pouco mais de um ano, recorde de visualizar aquela mulher sentada com frequência no setor destinado aos consulentes. Hoje me pergunto que rumo sua vida deve ter tomado. E faço uma reflexão sobre o trabalho quase “invisível” que os exus e pomba-giras realizam, durante suas consultas particulares. Quantas pessoas os verdadeiros guardiões de Umbanda ajudam em assuntos íntimos, atuando não raras vezes como conselheiros ou "psicólogos"? É isso mesmo! Os exus frequentemente são como psicólogos, orientando sobre problemas familiares de seus consulentes, quiçá, até mesmo, evitando grandes confusões ou tragédias. Ao contrário do que se pensa e se fala sobre os guardiões, eles são entidades com o equilíbrio e a firmeza necessários para ajudar em situações melindrosas. Contudo, para abordar esse tipo de situação, é fundamental a presença do verdadeiro exu, com as devidas autorizações superiores de trabalho, mas também o médium deve ter um equilíbrio necessário para as tarefas mais delicadas. Não é nada fácil ser um razoável médium para os guardiões da Umbanda. Até hoje me julgo ainda em treinamento, buscando me aperfeiçoar

constantemente, pois em qualquer manifestação mediúnica, o resultado do trabalho é um somatório dos esforços da entidade e do médium. E num trabalho com a corrente vibratória dos exus, em especial, os casos que surgem geralmente são urgentes e complicados. Então, a dedicação é fundamental...

13- A ORIENTAÇÃO DO ERÊ

Em 1996, eu havia realizado vários concursos públicos dentro da minha área de atuação profissional. Em um deles, fui aprovado e rapidamente chamado para assumir o cargo. Assim, no início de 1997, deixava de ser exclusivamente estudante de doutorado, para também exercer uma função pública.

O meu curso de doutoramento já estava quase todo concluído, faltando escrever a tese e apresentá-la à banca examinadora. Essa situação me dividia e eu precisava trabalhar corretamente, embora precisasse armazenar um pouco de energia mental, para analisar os dados que eu tinha obtido e escrever a tese. Fui carregando com grande dificuldade as minhas tarefas, até o ano de 1999, ao ponto de adoecer. Para mim, estava sendo muito difícil trabalhar, estudar e ainda exercer minhas atividades mediúnicas. Eu estava muito esgotado e pensava seriamente em desistir da minha tese de doutorado. Com esse pensamento, fui buscar uma entidade na qual eu realmente confiava, e que trabalhava numa médium firme e equilibrada.

Lá no centro, dentro de cada sessão, que ocorria a cada 15 dias, havia um momento específico para os médiuns atuarem com seus ibejis e erês. Assim, era um raro terreiro que, constantemente, permitia consulta com as entidades na forma de crianças espirituais.

Quando tive oportunidade, dirigi-me ao Crispiniano, que já estava fazendo suas típicas “brincadeiras”. Então, expliquei sobre a minha situação, comentando que eu estava quase decidido a desistir do doutorado. Perguntei-lhe se esse meu pensamento estava correto e aguardei sua resposta.

O erê riu um pouco, após ouvir o meu caso, mas logo passou a falar num tom mais sério: “Tio, você vai precisar terminar esse seu estudo porque, lá na frente, o seu “bambo” vai aumentar por causa disso”.

Eu entendi o que o Crispiniano havia falado, pois “bambo” é um dos termos que significa “dinheiro” na Umbanda. Havia uma certa razão no que ele me dissera,

mas esse dinheiro a mais não seria muito. No meu cargo público, naquela época, a gratificação de doutorado era só um pouco maior do que a de mestrado, que eu já possuía. Valeria o sacrifício? Valeria manter aquele nível de esforço, que eu vinha fazendo, com minha saúde abalada? Com essa dúvida em mente, argumentei com a criança: “Mas, Crispiniano, quando eu terminar o doutorado, vou ganhar só um pouco a mais. Valerá a pena mesmo?”

O menino me olhou de um jeito curioso, parecendo ver o futuro. Então, falou: “Tiozinho, lá na frente esse seu estudo vai valer muito. Pode acreditar!” Ao ouvir uma resposta que eu não queria, pois desejava muito descansar, agradei e disse que manteria meu esforço, de modo a terminar a tese. O erê sorriu e voltou para as suas “brincadeiras”, com outras pessoas do terreiro.

Desta forma, não desisti de terminar o doutoramento, defendendo a minha tese no ano de 2000. Finalizei aquele ciclo de minha vida realmente esgotado, contudo, poucos anos depois, constatei que Crispiniano estava totalmente certo. Após uma mudança de regras que o governo realizou, a minha função pública foi bastante valorizada, no que se referia aos funcionários com doutorado. A minha gratificação, devido à titulação acadêmica, aumentou bastante. E até hoje, meus rendimentos econômicos têm parcela significativa dependendo do doutorado que finalizei.

Assim, fica fácil demonstrar como é importante a atuação de médiuns equilibrados e dedicados, permitindo que suas entidades trabalhem sem excesso de obstáculos. Esse foi apenas um dos casos, em que fui beneficiado de maneira decisiva por uma consulta na Umbanda. Aproveito a oportunidade e deixo registrado um agradecimento especial ao Crispiniano. Salve todos os erês! Oni Ibejada!

14- O CABOCLO TREME-TERRA E O REENCONTRO

No outono de 1994, eu aceitei ir a uma mata na chamada “Costa Verde” do Estado do Rio de Janeiro. Eu acompanhava os amigos Saulo e Nélon Vilhenna. Eu era um médium ainda no início do meu desenvolvimento, mas já recebia algumas entidades com razoável equilíbrio.

Após a nossa entrada respeitosa na morada de Oxóssi, com uma singela oferenda e o devido pedido de licença, realizados pelos meus experientes amigos, nos dirigimos a uma cachoeira. Nossa intenção era ter apenas uns momentos de contato com a natureza, para “trocar energias”, absorvendo um pouco do bom magnetismo da mata.

Depois de um tempo conversando e observando a beleza do lugar, comecei a sentir uma vibração conhecida. Percebi a presença do Caboclo Treme-Terra. Comentei com meus amigos e eles disseram que, se eu entendesse que era para dar passividade à entidade, que permitisse a incorporação.

Meu corpo vibrava forte e permiti a passagem do caboclo. Ele ficou um tempo em terra e conversou com Saulo e Nélon. A seguir subiu e, aos poucos, voltei a minha plena consciência. Então, retornamos à trilha que permitiria a saída da mata.

Já no carro, Saulo começou a rir e a demonstrar muita surpresa. Eu e Nélon ficamos curiosos sobre o motivo dele estar assim. Mas, logo entendemos. Saulo passou a explicar o que havia constatado. Ele salientou que a entidade dissera, há poucos minutos, que o conhecia já havia um tempo. E colocou que o caboclo perguntou se lembrava dele, da seguinte forma: “Está lembrado de mim, moço? Já conversamos antes!” Saulo, por educação, confirmou que recordava, mas na realidade não tinha certeza. Saulo acreditou que o guia se referia a alguma vida passada, mas, naquele momento, dentro do carro, finalmente recordava que havia conversado com o Caboclo Treme-Terra, naquela mesma mata, uns 15 anos antes.

Então, nos contou que havia ido ali sozinho, naquela época, para meditar um pouco sobre os problemas de sua vida. Porém, perto da cachoeira, havia um pequeno grupo de médiuns desconhecidos, estando um deles incorporado. Saulo falou que pediu licença para passar, mas a entidade o chamou. Ele retornou e ficou de frente para o médium em transe, um rapaz negro e magrinho, cujo corpo tremia bastante. Ali estava o Caboclo Treme-Terra que o saudou, deu-lhe algumas instruções e disse que voltaria a falar com ele no futuro através de outro médium.

Eu e Néelson achamos muito interessante o que Saulo acabava de lembrar e nos revelar. Haviam se passado cerca de 15 anos e o reencontro com o Caboclo Treme-Terra aconteceu ali, na mesma mata, só que através da minha mediunidade.

Hoje compreendo que a abrangência de conhecimento das entidades de umbanda é bastante grande. Os verdadeiros guias dessa corrente espiritualista têm acesso profundo e detalhado das programações cármicas dos médiuns vinculados ao Umbandismo. Na época do primeiro encontro de Saulo com o Caboclo Treme-Terra, eu tinha apenas cerca de 11 anos de idade, não entendendo absolutamente nada sobre espiritualismo, e nem mesmo sabia da existência de Saulo e Néelson. Mas, a entidade já trabalhava por meio de outro médium, tendo ciência de que eu estava reencarnado, e que, no futuro, tinha uma missão comigo. Ou seja, antes do meu reencarne, em pleno Mundo Astral, tudo havia sido acertado. Aliás, nada é por acaso. Todos os médiuns de Umbanda, antes de retornarem à experiência física, planejam sua programação existencial junto aos trabalhadores espirituais da corrente umbandista. E uma vez aqui na terra, têm a oportunidade de concretizar o planejamento, de modo a se melhorarem como seres humanos e como consciências espirituais.

15- O RECADO DA VOVÓ

Era o final do ano de 1996. Eu havia feito três concursos públicos, todos dentro da minha área de atuação profissional. Estava bem preparado e confiava que passaria em pelo menos uma dessas provas. No entanto, o meu sonho era ser pesquisador científico e tinha esperança de ser chamado por ao menos uma das duas instituições de pesquisa governamentais, para as quais eu prestara concurso. Por outro lado, não desejava muito trabalhar num órgão público, para o qual também fizera prova, mas que não era da área científico-tecnológica.

Com o pensamento voltado para esse assunto, dirigi-me ao centro espiritualista do qual eu fazia parte à época. Após o início dos trabalhos, minha mente já estava fixada nas atividades mediúnicas, as quais eu sempre dei grande valor. A sessão transcorria bem, como de praxe, e alcançávamos o momento destinado às comunicações diretas das entidades de Umbanda.

Então, próximo a mim, manifestou-se uma preta-velha através de uma senhora amiga. Era a Vovó Maria Conga do Cruzeiro. Não demorou muito e ela me chamou, no intuito de me passar uma informação. Ela disse: “Meu filho, você vai ter uma boa notícia. Você vai ser chamado para trabalhar. Mas, não é aquilo que você muito quer.” Ouvei em silêncio o recado, compreendendo que a vovó referia-se aos concursos públicos que eu havia feito. Como eu nada comentei, a preta-velha indagou: “Você entendeu meu filho?” Em seguida, respondi: “Sim, senhora.” E ela reforçou a orientação: “Você vai ter o seu trabalho, mas não é o que você mais deseja.”

Na sequência, agradei à entidade, tornando-me pensativo. Poucos minutos depois, eu chegava à conclusão de que eu seria aprovado, mas não nas instituições ligadas à investigação científica. Restava-me aguardar os acontecimentos.

Em breves semanas, fui convocado para assumir o cargo público que ocupo até hoje, já fazendo quase 20 anos. Quanto aos outros dois concursos para área

científico-tecnológica, fui aprovado em segundo e terceiro lugar, mas nunca fui chamado para trabalhar naquelas instituições, que só convocaram os primeiros colocados. Vovó Maria Conga estava certa! Ela conhecia o meu caminho futuro. E ela me prevenira, para que eu não me decepcionasse. Agradeço a ela por isso.

Bem, mas este relato de vivência não termina aqui. Gostaria de enfatizar algo sobre a médium daquela preta-velha, que, por questão de respeito a sua identidade, vou chamar apenas de senhora M. Hoje, esta médium é idosa e se encontra adoecida. Pude estar com ela por vários anos no citado centro espiritualista, até que me afastei daquele terreiro. Por laços de amizade, às vezes a visito ou converso por telefone. Assim, conheço pormenores da caminhada da senhora M., sentindo que devo colocar neste relato um resumo de seus percalços na vida, pois podem ser úteis a outros médiuns. A senhora M., como já brevemente demonstrado, possuía uma mediunidade de grande qualidade. Contudo, ela se deixou levar por problemas de ordem pessoal e familiar, tornando-se uma pessoa um tanto amarga. Às vezes, por motivos de certa forma fúteis, se rebelava contra a Espiritualidade, deixando de exercer suas funções no centro, por semanas e até meses. Ela sempre foi pessoa com rigidez excessiva de caráter, se aborrecendo por questões menos importantes. Nesse contexto, ela deixou de ser útil por inúmeras vezes.

Há poucos dias estive pessoalmente com ela, e a própria me confessou que tem se esforçado para ajudar nas sessões de seu terreiro. Contudo, é evidente que seu corpo físico não suporta mais muitas atividades tipicamente umbandistas. Notei que, hoje, ela tem mais boa vontade em trabalhar com a sua mediunidade. Porém, é nítido que o seu tempo já passou. Ela desperdiçou boa parte de sua vida, alimentando discórdias. As maiores oportunidades já foram perdidas. Por isso, deixo este relato aos irmãos médiuns, de maneira que possam aproveitar suas chances para bem cumprir suas missões, enquanto possuem força e saúde. Deixemos de lado as dificuldades e limitações humanas, buscando exercitar e reforçar as melhores qualidades da alma.

16- A PRESENÇA DE OGUM

Naquele dia eu me dirigia a uma casa, onde uma senhora atendia ao público, incorporada com um médico espiritual. Era a primeira vez que eu ia ao local, por indicação da amiga Claudina. Minha intenção era obter alguma orientação quanto a minha saúde, já que vinha tendo alguns problemas, que os médicos terrenos não conseguiam resolver com seus receituários tradicionais. No entanto, eu estava um pouco preocupado, porque Claudina me informara que a senhora Branca, médium do doutor Aloísio, trabalhava também com magia. Como Claudina não sabia me explicar exatamente a linha de trabalhos da senhora Branca, e como eu sou um tanto desconfiado, fui ao local um pouco tenso. Esta minha preocupação também ocorria, porque eu tinha pouca experiência, tendo iniciado apenas há cerca de três meses minha caminhada dentro da Umbanda.

Assim me dirigia ao endereço, naquele início de 1994, pedindo proteção à Linha de Ogum. Andava e mentalmente cantava pontos do orixá guerreiro, sem parar, num percurso que durou em torno de 15 minutos. Então, achei o número da casa e, uma vez dentro dela, descobri que eu seria o segundo a ser atendido, num cômodo específico. A entidade conversava com cada consulente individualmente.

Quando chegou a minha vez, uma atendente me levou até onde estava o doutor Aloísio. O médico espiritual mediunizava a senhora Branca, que estava sentada atrás de uma mesa de madeira, com alguns papéis empilhados. O médico me cumprimentou, sorridente, e espantei-me com a sua forte voz masculina, através daquela pequena senhora morena, de aparência indígena.

O doutor Aloísio me deu orientações bem precisas sobre o meu quadro de saúde e, com poucas semanas de tratamento, melhorei de forma consistente e duradoura. Mas, o presente relato não é sobre esse assunto. Num dado momento, o médico, muito simpático, mudou o rumo da consulta. Ele, espontaneamente, começou a falar sobre Umbanda, explicando-me que a missão da sua médium era

parcial com ele. Parte do trabalho mediúnico da senhora Branca era com entidades da corrente umbandista. E como eu era neófito no assunto, ele me explicou alguns aspectos sobre os guias espirituais e trabalhadores da Umbanda, que ele acompanhava no Plano Astral e também no ambiente terreno, durante as sessões em que a sua médium atuava.

A seguir, o doutor Aloísio, sabendo que eu vestira a roupa branca do Umbandismo há pouco tempo, perguntou se eu já conhecia meu pai de cabeça. Mas, ele não me deixou responder, dizendo: “Você é um filho de Ogum! Ele está aí, do seu lado, desde que você entrou aqui!” Achei seu comentário muito interessante, porque eu pedi a proteção da Linha de Ogum, através das cantigas mentais, durante todo o caminho até ali. E houve resposta, que foi comprovada pela visão espiritual do doutor Aloísio, que não sabia da minha atitude.

Na sequência, falei ao médico espiritual, que no meu centro haviam dito que eu era filho de Xangô, embora ainda não houvesse uma confirmação. Ele sorriu e reafirmou que, ao meu lado, naquele momento, estava o Sr. Ogum.

A consulta se transformara numa excelente conversa, de pouco mais de uma hora, sobre a Espiritualidade de Umbanda. Obtive algumas valiosas explicações que eu já buscava há algum tempo. Ao final, ele marcou uma nova consulta para dois meses depois. Fui algumas vezes até o doutor Aloísio, com quem aprendi muito. Em outra oportunidade, pretendo compartilhar algo a mais sobre esse espírito.

Por ora, saliento que experiências como essa foram se somando em minha vida, dando-me confiança quanto à presença das entidades de Umbanda, a cada passo de minha jornada. Naquele dia, eu pedira a proteção do Sr. Ogum. Eu pude sentir a sua vibração comigo, desde que eu começara a cantar pontos mentalmente. E isso foi confirmado pelo médico espiritual, dentro do consultório. Só posso agradecer. Salve Ogum! Ogunhê!

17- A VISÃO DO CABOCLO

Numa época em que eu ainda não tinha colocado a “roupa branca”, em 1992, tive uma interessante experiência com um caboclo. Nesse tempo, eu era um consulente de uma casa umbandista, não imaginando que eu a integraria, alguns poucos meses depois.

Estava na universidade naquela sexta-feira e, logo depois do almoço, pegaria um ônibus para ir para casa. Contudo, me atrasei razoavelmente porque ficara ajudando um colega que fazia um curso agrícola. Ele tinha uma tarefa numa área plantada com jiló, onde precisava avaliar o nível de pragas e doenças da lavoura, bem como retirar ervas daninhas. Acabei passando por mais de uma hora no meio do mato, de modo a ajudá-lo com o seu trabalho.

Depois que peguei o ônibus, calculei que se fosse passar em casa antes de ir para o centro, chegaria atrasado ou acabaria por perder a sessão de Umbanda. Então, fui direto para o templo religioso, sem ao menos ter a chance de tomar um banho. Isso não é recomendável, mas eu não queria perder a gira, que era destinada à consulta com caboclos.

A sessão transcorria normalmente e eu, ali no setor destinado ao público, observava tudo com muita atenção. Sempre tive muita curiosidade e vontade de entender a mediunidade de incorporação da Umbanda, mas dentro de um aspecto sadio. Não era uma mera curiosidade sobre o fenômeno, mas sim um interesse nos mecanismos energéticos da interação entre médium e entidade. Por outro lado, sempre respeitei muito o ambiente religioso da Umbanda, mantendo-me bem quieto e concentrado durante os trabalhos.

Quando chegou o momento da consulta e chamaram o meu número, fui até o Caboclo Flecheiro, que estava incorporado na médium Maria Lúcia, uma senhora que viria a ser uma das pessoas importantes nos meus primeiros passos no Umbandismo. Aquele encontro com o Sr. Flecheiro era apenas a segunda vez que eu

ia ficar de frente a ele. E logo que cheguei até aquele guia, ele foi dizendo: “Salve meu filho!” No entanto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a entidade falou: “Ê moço! Hoje você está com uma energia verde bonita por todo o corpo! Você mexeu com mato hoje?” Fiquei surpreso com a visão espiritual do caboclo e respondi: “Sim senhor! Hoje fiquei uma parte do dia no meio de uma plantação, na universidade, ajudando um amigo.” Então, a entidade voltou a falar: “Muito bonito esse seu trabalho! A energia das plantas ficou no seu corpo. Gosto muito disso. Continue com esse seu trabalho!”

Em seguida, ele fez breves comentários sobre o uso das plantas para a limpeza e energização das pessoas. Logo depois, a consulta tomou outro rumo e ele passou a me dar instruções pessoais relevantes, para a fase que eu estava vivendo.

Mas, nunca esqueci aquele trecho, onde a entidade notou que meu corpo ficara magnetizado com a energia dos vegetais. Ali eu começava a entender a importância das plantas dentro da Umbanda. E fiquei também impressionado com a visão do guia espiritual, que percebera a imantação benéfica que havia acontecido comigo dentro da lavoura, horas antes. Hoje, com a experiência que já tenho, sei que só médiuns equilibrados e bem sintonizados com suas entidades podem dar informações precisas como essa. Ao longo do tempo, fui constatando mais e mais que a dupla “Maria Lúcia e Caboclo Flecheiro” tinha uma grande afinidade espiritual e boa conexão mediúnica. Eles muito me beneficiaram no início de minha jornada na Umbanda. Assim, deixo o registro de minha gratidão.

18- A FOFOQUEIRA E O ERÊ

A senhora N. era uma pessoa que gostava muito de falar sobre a vida dos outros. Buscava informações aqui e ali, disseminando-as sem critério. Não importavam se eram fatos verdadeiros ou pura especulação. Não eram importantes os resultados nefastos que as maledicências poderiam provocar, na vida alheia.

A senhora N. era sogra da médium S., que ia ao terreiro que eu frequentava à época, próximo ao ano 2000. A médium S. comentara comigo que sua sogra andava mal. Havia cerca de um mês que a senhora N. não dormia direito. Além disso, vinha tendo crises de labirintite e o seu quadro geral a levava a não ter vontade de se alimentar. A senhora N., inclusive, já dizia que “sua hora estava chegando”. Acreditava que morreria.

Num dia em que eu resolvera passar na casa da médium S., um pouco antes de uma sessão de mesa de Umbanda, a sogra da médium pediu-nos para ir conosco ao centro espiritualista. Então, levamos a senhora N., embora soubéssemos que não seria conveniente ela ser tratada por nenhum de nós dois, que conhecíamos bem o seu caso. Se algum guia viesse por intermédio de mim, ou da médium S., a senhora N. desconfiaria da nossa mediunidade, caso o guia apontasse que ela devia cuidar menos da vida dos outros e mais da dela própria.

Contudo, não tínhamos muita escolha. Era um dever de caridade. Não podíamos ignorar seu pedido de socorro, embora nós mesmos pudéssemos nos tornar alvo de suas maledicências no futuro.

Uma vez no centro, ela foi direcionada para o setor de consulentes. Já estava “em cima da hora” e mal pudemos cumprimentar os demais participantes. Eu e a médium S. sentamos nas nossas cadeiras da mesa de Umbanda e logo o dirigente fazia a oração de abertura dos trabalhos.

Após o período de estudos do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, chegou o momento das atividades mediúnicas. Não demorou muito e se manifestou o

Erê Joãozinho, através da médium Bianca. Ele cumprimentou ao dirigente da casa e pediu permissão para chamar uma pessoa que estava entre os consulentes. A permissão foi dada e o erê apontou para a senhora N. Ela se aproximou lentamente, até posicionar-se atrás da médium incorporada, que se mantinha sentada, conforme as regras da casa para aquele tipo de sessão. Então, o Joãozinho falou para a senhora N., que tinha uma fisionomia bastante abatida, para colocar uma mão em cada ombro de seu “aparelho”.

Feito isso, a criança espiritual começou a falar o que se passava na vida da senhora N. Disse que ela era muito fofoqueira e que as últimas coisas que havia dito prejudicaram bastante outras pessoas. E por isso, salientou a entidade, ela havia absorvido uma carga bastante negativa.

Naquele momento, observei o rosto da senhora N. Ela estava espantada com o que o Joãozinho falara e um tanto envergonhada. No entanto, a criança voltou a apontar alguns erros da senhora N., sempre no campo da fofoca. Parecia que o erê estava dando uma lição nela, demonstrando como era desagradável ter sua própria vida desnudada, perante o semelhante.

Em seguida, Joãozinho disse que iria ajudá-la, embora ela não merecesse muito. Acrescentou que não era para ela voltar a cuidar da vida dos outros, senão voltaria a adoecer. O que pudemos observar, a seguir, foi a médium se tremer toda. Algum processo bioenergético estava acontecendo. Depois o erê desincorporou e o dirigente disse à senhora N. para sentar-se novamente em sua cadeira, lá no setor destinado aos consulentes.

Ao final da sessão, eu e a médium S. levamos a senhora N. de volta para a sua casa. Ela se queixou a nós quanto ao tratamento que o guia da Bianca havia lhe dado. Ficamos quietos, mas percebemos que o rosto da senhora N. já estava menos abatido.

Nos dias que seguiram, soubemos que todos os sintomas negativos da senhora N. haviam sumido. Voltara a dormir bem. Não havia tonteiras no seu dia a dia e se

alimentava normalmente. A senhora N. é viva até hoje e já está com mais de 80 anos de idade.

Fechando este caso, saliento que a médium Bianca não conhecia a senhora N. Isto nos permitiu concluir que havia uma ótima conexão mediúnica entre Bianca e sua entidade, o que proporcionou o acerto na consulta e o bom resultado na transformação das energias densas. Além disso, é importante destacar que, às vezes, algumas entidades da Umbanda são incisivas. E fazem isso por real necessidade, quando estão lidando com pessoas que erram sistematicamente e que não possuem nenhuma autocrítica. Ou seja, nessas situações pode haver um tipo de “tratamento de choque” para promover um despertar do consulente.

19- UM INICIANTE NA PORTEIRA

Estávamos ainda no início de uma sessão de mesa de Umbanda. Após a oração de abertura, não havia sido possível começarmos a fase de estudos, pois a médium Tetê Souza dava sinais de incorporação.

Nélson, o dirigente, disse-lhe para dar passagem à entidade, de modo que entendêssemos melhor qual a necessidade do momento. A este consentimento, a médium permitiu a manifestação do espírito.

Logo que ele pôde falar, demonstrou estar nervoso com o que estava acontecendo lá fora, na porteira do terreiro. Disse que havia muitos lá e que estava sendo difícil impedir a invasão deles em nossa casa espiritualista. E passou a repetir algumas vezes a seguinte frase: “São muitos! São muitos! São...”

Na realidade, a entidade estava quase em desespero, porque temia a entrada indevida de obsessores, também chamados “quiumbas” no meio umbandista. Eu confesso que fiquei surpreso com aquela manifestação, pois sabia que existia ótima firmeza em nosso centro. Olhei para o dirigente e houve uma espécie de comunicação mental entre nós. Nélson, então, basicamente falou à entidade o que eu estava pensando: “Irmão, não se preocupe, porque aqui só entram espíritos com a devida permissão.” No entanto, a entidade respondeu: “Mas eles são muitos! Não vamos conseguir segurar por muito tempo!” Nélson, na sequência, disse para ele se tranquilizar e passou a cantar um ponto da Linha dos Exus. Os médiuns e consulentes acompanharam o dirigente no cântico. Logo se manifestaram guardiões por alguns médiuns, enquanto o ponto cantado prosseguia. Depois de poucos minutos, Nélson finalizou a corrente vibratória dos exus. Todos que haviam incorporado já tinham subido. A própria entidade que se manifestara através de Tetê Souza também havia retornado para o Astral. Então, o dirigente perguntou aos presentes se estavam se sentindo bem. Todos sinalizaram que sim.

A sessão prosseguiu normalmente e foram realizados os estudos programados. Quando chegou o período destinado às consultas, manifestou-se o Caboclo Pena Verde na médium Tetê Souza. Ele vinha trazendo informações bem interessantes. Colocou que aquela primeira entidade a se manifestar na sessão era de fato um trabalhador espiritual da casa. Contudo, esclareceu que ele e mais alguns que estavam de vigia na porteira, naquele dia, eram de um mesmo grupo que havia sido aceito recentemente para colaborar com o nosso terreiro. Há alguns meses, eles estavam entre os seres que tentavam perturbar as nossas sessões. Porém, há pouco tempo, perceberam que nós não éramos inimigos e aceitaram trabalhar de uma forma construtiva. Assim, receberam como incumbência a proteção da entrada do centro.

Os guias maiores da casa, sabendo que aqueles espíritos tinham ainda pouca experiência naquele ofício, deixaram entidades mais graduadas de tocaia, aguardando os acontecimentos. Já era sabido que haveria uma forte pressão negativa sobre a nossa porteira, naquele dia. Então se permitiu o susto aos espíritos iniciantes que tinham a tarefa de guardar a entrada, de modo que refletissem no que faziam antes de se juntar a nós. Essa situação era bom ensinamento para eles que, na realidade, eram ainda apenas aprendizes. Ou seja, não eram ainda considerados exus, mas sim auxiliares dessa linha de trabalhadores espirituais.

Nunca esqueci aquela sessão. Houve um aprendizado para aqueles novos amigos espirituais, que almejavam trabalhar como guardiões, e também nós, encarnados, pudemos entender que a vida não dá grandes saltos. Habilidades e sabedoria só se adquirem com o tempo...

20- ENCONTRO INESQUECÍVEL COM ZÉ PELINTRA

Até 1990 eu nunca tinha ido a uma sessão de Umbanda. Na minha infância, na década de 70, minha mãe me levava para consultas e passes com uma entidade, na residência de uma velha senhora, que tinha um cômodo com um gongá. Ela trabalhava sem a presença de outros médiuns. Esta situação foi apresentada no relato “Previsões do caboclo”. Assim, ao longo do tempo, o meu interesse pelo espiritualismo só foi reaceso novamente na adolescência, quando comecei a ler muitas obras kardecistas. A Umbanda estava praticamente esquecida. Minha visão do Mundo Espiritual era baseada fundamentalmente no Espiritismo Cristão.

Porém em 1991, nos meus tempos de universidade, conheci o professor Saulo, que era umbandista. Ele foi meu orientador acadêmico e, depois que cultivamos bons laços de amizade, ele me convidou para assistir a uma sessão de Umbanda, de um terreiro que seria inaugurado em breve. Aceitei o convite mais por curiosidade, porque até então Allan Kardec e Chico Xavier preenchiam a minha mente, fornecendo explicações bastante concisas sobre a vida e a morte. No entanto, me instigava saber como funcionava a Umbanda.

Na véspera da sessão de inauguração do centro umbandista, que ficava em região serrana do Estado do Rio de Janeiro, eu me perguntava várias questões. Caminhava à noite, sozinho, no campus universitário, pelas suas ruas bem arborizadas, fazendo mentalmente várias perguntas. Eu seria médium realmente, como haviam me dito no passado? Neste caso, qual seria minha missão mediúnica? Estas eram questões importantes, mas muitas outras eu ia disparando, conforme transcorria aquela caminhada noturna.

No dia seguinte, também à noite, lá estava eu e o Saulo adentrando aquele terreiro de Umbanda. A casa estava vazia. Fomos os primeiros a chegar. Sentamos em um longo banco de madeira, dentre outros destinados ao público. Ficamos ali silenciosamente, até que, por um corredor comprido, apareceu uma pessoa vestida de

branco. O homem veio nos avisar que a mãe de santo, a senhora Y., nos dava boas vindas e nos convidava a sentar ao lado dos atabaques, dentro do terreiro. Saulo se adiantou e agradeceu. Assim, fomos para o local destinado e ele me segredou que aquilo era um tipo de honraria que nos foi dada. Aquela situação me incomodou um pouco, porque eu era muito tímido e, na verdade, eu preferiria ficar num canto qualquer, observando atentamente como funcionavam as incorporações e a sessão como um todo. Eu e Saulo ficamos um tanto espantados com a percepção da mãe de santo. Ninguém estava no salão quando o adentramos, mas ela soube que havíamos chegado e mandara o recado para nós, através daquele cambono. A Espiritualidade estava presente e a senhora Y. era uma “poderosa antena”.

Quando começou a sessão, a casa estava lotada. O som dos atabaques invadia a minha alma. Era difícil ser um espectador neutro, embora eu me esforçasse para ter um olhar investigativo sobre tudo o que ocorria. Os pontos cantados, ao ritmo dos tambores, eram contagiantes. Contudo, observei cuidadosamente as manifestações das várias linhas de trabalho que se sucediam. Eu tentava entender os espíritos que estavam por trás dos processos incorporativos. Por exemplo, me era um pouco difícil, naquela época, entender o porquê os pretos-velhos tinham que se apresentar como pessoas ainda tão idosas. Essa questão, bem como outras, fui entendendo só com o passar do tempo...

Mais à frente, já em plena madrugada, era chegada a hora dos exus. Fiquei espantado com os guardiões, mas eles aguçaram ainda mais a minha vontade de entender as entidades da Umbanda. Num dado momento, aproximou-se de mim a mãe de santo incorporada. Era o seu Zé Pelintra. Ele liderava os trabalhos e, após algumas tarefas, voltou para conversar comigo. Ele me chamava de “doutorzinho” e disse para eu observar bem a tudo e estudar cada detalhe. Senti-me desnudado, pois essa era mesma a minha intenção. Então, sem que eu perguntasse nada, ele começou a responder a todas às questões que eu havia indagado mentalmente no dia anterior, enquanto caminhava dentro da universidade. Ali, naquele momento, encontrava as

devidas e precisas respostas. Além disso, a entidade fez algumas previsões sobre o meu futuro. Todas se concretizaram, para minha surpresa, ao longo dos anos.

Perto do final da sessão, o Sr. Zé Pelintra parecia querer me provar que eu era um médium, embora eu nunca tivesse sentido nada de muito evidente até aquele ponto da minha vida, aos 23 anos de idade. Ele me chamou e também a um médium da casa, para ajudar uma senhora idosa que estava doente. Disse para eu colocar minha mão direita no ombro da senhora, enquanto o médium deveria pôr sua mão no outro ombro da idosa. A entidade puxou um ponto e concentrei-me em ser útil àquela pessoa adoecida, de alguma forma. Conforme o cântico prosseguia, senti minhas energias sendo carreadas para a senhora, ao ponto de perceber minhas pernas fraquejarem. Num dado instante, o seu Zé mandou parar o ponto e disse que já estava bom. Agradeceu a minha intenção de caridade e ao outro médium. Quando fui andar de volta ao meu lugar, próximo aos atabaques, senti meus joelhos muito fracos, quase se dobrando. Naquele dia, entendi que eu era um médium. Quase dois anos depois, em outro centro, próximo de minha residência, eu iniciaria minha jornada mediúnica. Sou muito grato ao Sr. Zé Pelintra, que se manifestou com perfeição através da excelente senhora Y. Salve suas forças “Seu Zé” e muita luz no seu caminho!

21- AJUDA INVISÍVEL DE OXOSI

Dirigi um grupo espiritualista por sete anos, ao lado de Tetê Souza. Nossas atividades principais, naquele período, consistiam de sessões de mesa de Umbanda e, em menor escala, de giras típicas de terreiro. Naquela fase de minha vida, pude presenciar e vivenciar alguns casos interessantes de ação da Espiritualidade.

Por volta de 2004, Samantha chegou até nós. A jovem era parente de Tetê Souza, mas as duas não se viam e nem se comunicavam há mais de 10 anos. A sua chegada foi curiosa, pois a jovem relatou que vinha tendo sonhos estranhos, despertando pela manhã com palavras de um idioma desconhecido na sua mente. Samantha vinha perguntando a espíritas e pais de santo o que significavam aqueles termos, sem resposta. Um dia ela comentou o fato junto a um irmão de Tetê Souza, que trouxe a sua dúvida até a médium Tetê. E ela esclareceu o significado, que foi levado ao conhecimento de Samantha. Assim, a jovem se interessou pelo nosso grupo, pedindo para participar de uma sessão.

Num sábado, que era o dia da semana em que ocorriam nossas reuniões, Samantha veio e gostou do nosso ambiente. O Caboclo Pena Verde disse que iria ajudá-la na sua vida que, naquela época, era marcada por muitos problemas. Ela ficou esperançosa e com boas expectativas, quanto ao auxílio prometido pela entidade. No entanto, Samantha tornou-se muito preocupada porque suas férias estavam acabando, o que dificultaria a presença dela no nosso grupo. O seu trabalho acontecia através de plantões de dias alternados, o que seria um problema de difícil solução, porque a escala dela exigia que labutasse aos sábados. Ou seja, trabalhando nos sábados, como poderia vir as nossas sessões?

A jovem foi para a sua casa, com a crença de que não poderia voltar mais. Contudo, no dia seguinte, no domingo, sua chefia ligou. A notícia era que sua escala havia sido trocada. Samantha, ao contrário do que a sua chefe provavelmente pensava, não reclamou. Apenas disse que estava tudo bem. A supervisora

demonstrou que ficou surpresa com a reação pacífica da funcionária, sem qualquer argumentação contrária à alteração sem maior aviso prévio. Quem estava mais surpresa ainda era Samantha. Ela acabava de constatar o que entendia ser a intervenção positiva da Linha de Oxossi em sua vida. Estava feliz, pois poderia frequentar livremente nosso grupo espiritualista.

Então, no sábado seguinte, ela estava lá. Assim que o Sr. Pena Verde manifestou-se através de Tetê Souza, chamou Samantha para sentar-se à mesa de Umbanda conosco. E disse à jovem: “Seu lugar é aqui, nesta cadeira, junto de nós!”

Este singelo caso permite-nos concluir que, quando alguém realmente precisa de ajuda e possui algum merecimento, tem os obstáculos maiores removidos. Às vezes, as pessoas insistem muito em ir a determinado terreiro ou em outra comunidade religiosa, mas questões da vida particular ou profissionais impedem, por completo, a participação desses indivíduos. E isso acontece, em grande parte das vezes, porque ali onde a pessoa deseja frequentar não é o local ideal para seu crescimento espiritual. A vida dá seus sinais e é preciso compreendê-los.

22- A PREVISÃO DE PAI CIPRIANO

No ano de 1998, aconteceu uma experiência marcante com o amigo Fabrício, que, à época, tinha apenas 17 anos de idade. Ele, portanto, estava na fase da adolescência, que é um período em que os jovens são muito influenciáveis. Sua mãe se queixava que ele acreditava muito nos “amigos”, temendo que o jovem se deixasse levar para o alcoolismo ou para o mundo das drogas ilícitas.

Naquele dia, eu estava na residência de sua mãe, médium extremamente confiável, que mantinha anexada a sua casa um “quartinho de santo”. Este lugar é assim denominado pois possui um gongá, bem como firmezas de proteção e de fundamento de Umbanda. Isto não é um terreiro, mas sim um local de orações, onde eventualmente podem descer entidades para dar algum recado ou orientação. Ou seja, esses ambientes não são preparados para giras típicas de Umbanda, mas podem permitir manifestações mediúnicas seguras, para finalidades mais leves em termos vibratórios.

Éramos apenas quatro pessoas presentes, no momento em que fazíamos algumas orações, enquanto a médium, dona do “quartinho”, acendia as velas no gongá. Após alguns minutos, senti a presença do preto-velho. A médium, mãe de Fabrício, disse-me para dar passagem ao vovô, se ele quisesse dar alguma mensagem. Então, permiti a manifestação de Pai Cipriano. O preto-velho agradeceu a acolhida e disse que queria conversar com Fabrício. A mãe do jovem acompanhou o acontecimento, atuando ali como cambono daquela consulta inesperada. Ela pôde ouvir a tudo e me dar pleno testemunho depois dos fatos consumados.

Ela, em resumo, comentou comigo que o velho Cipriano chamou a atenção do rapaz de forma amigável, ponderando que deveria tomar cuidado com os falsos amigos. Enfatizou, também, que nem todos os que lhe sorriam, de fato lhe queriam bem. A mãe de Fabrício, anteriormente, segredara-me que ele andava meio rebelde, não acreditando muito nas entidades. Por isso, ao final da consulta, Pai Cipriano fez

uma previsão ao seu filho, dizendo a ele que um dos seus amigos, que ele nunca imaginaria, estava usando drogas. O preto-velho, num tom mais enfático e desafiador, falou ao Fabrício que ele ia ter notícia disso em breve.

Alguns dias se passaram, para ser mais exato foram 15 dias, e eu estava novamente na casa da mãe de Fabrício. Logo que eu cheguei, ela me alertou que o jovem estava muito chateado com uma recente descoberta: um amigo de Fabrício, talvez aquele que ele mais tinha estima, foi pego usando cocaína. Ninguém esperava, nem os seus pais, porque o rapaz sempre fora pessoa exemplar.

Os anos passaram e Fabrício fez faculdade. Ele se formou e viu, passo a passo, diversos amigos de infância e adolescência se perderem no mundo das drogas. Muitos faleceram prematuramente, por vários motivos ligados ao vício. No entanto, Fabrício foi muito bem orientado pela sua mãe, pessoa bastante disciplinadora, e pelos guias da corrente umbandista. Hoje Fabrício ocupa, por seus próprios méritos, cargo gerencial numa grande empresa do mercado financeiro. Ele é bom esposo e pai dedicado de duas lindas filhas. Ainda auxilia seus avós, que moram próximos a ele, sempre que possível, já que a idade avançada dos mesmos impede uma ação plena. Fabrício é bom exemplo de cidadão brasileiro e suas filhas terão alguém bem positivo para se espelhar no futuro. Contudo, é claro que a sua vida não é um “mar de rosas”, pois sempre há aprendizados programados para o nosso crescimento interior, enquanto estamos encarnados. Porém, o que seria dele se não tivesse orientação familiar e espiritual seguras? E se o jovem não tivesse, à época, a boa vontade de entender? Poderia, sem dúvida, ter terminado como alguns de seus amigos do passado. Salve Umbanda!

23- AJUDA E ESCLARECIMENTO DO CABOCLO

Corria uma sessão de caboclos bem movimentada. Era o ano 2000. A casa espiritualista estava bem cheia, não só dos consulentes que já conhecíamos, mas também de um grupo novo de pessoas que desejava conhecer nosso centro.

Meu caboclo, logo após terminar de fazer um trabalho pesado, subiu. Eu havia entendido que ele levava um quiumba (obsessor) de alguém e, agora, me permitia um descanso. O suor descia pelo meu rosto e ainda estava um pouco ofegante. Mas, isso não me impediu de assistir e registrar bem em minha mente, uma atividade do Caboclo Pena Verde, que trabalhava através da médium Tetê Souza.

Notei que ele se dirigiu para o grupo novo de pessoas e ofereceu sua mão a uma senhora. Ela, prontamente, segurou na mão da médium incorporada. Em seguida, o Sr. Pena Verde gentilmente puxou-a para o centro do terreiro, próximo de onde eu estava descansando.

Então, a entidade começou a falar muito acertadamente sobre a vida da senhora desconhecida, que sorria e balançava afirmativamente a cabeça.

O caboclo, num dado momento, disse à consulente que ela era uma pessoa muito boa e que merecia ajuda. E disse o ponto principal do seu merecimento: a senhora, que devia ter cerca de 50 anos de idade, cuidava com muito zelo da própria sogra doente, que era uma pessoa muito amarga e que odiava a ela, a nora. O Sr. Pena Verde enfatizou que toda agressão ou maledicência da sogra era respondida com paciência e dedicação da consulente que, agora, estava emocionada.

O caboclo, a seguir, fez uma “puxada”, retirando miasmas e cargas negativas da mulher. Além disso, o Sr. Pena Verde solicitou a ajuda de um outro médium, que colocou sua mão no ombro esquerdo da consulente. Um ponto foi cantado e o médium tombou ao chão, com um obsessor revoltado, devido à interferência em seus planos de ódio.

Após o encaminhamento do quiumba, o Sr. Pena Verde agradeceu ao outro médium pelo auxílio. O caboclo, então, voltou a falar com a senhora. Disse a ela que era uma pessoa muito abençoada por Deus e que estava, com a sua boa atitude perante a sogra, terminando uma dívida do passado (questão cármica). Acrescentou ainda que a sogra, por ser um espírito muito rebelde e ainda com muita negatividade no coração, desencarnaria em situação ruim. E com isso, provavelmente ficaria um tempo perdida, em sofrimento, em região umbralina (submundo do Astral).

A consulente, agora, chorava discretamente. Percebia-se que, em parte, seu choro era porque ela estava entendendo que cumpria bem a sua missão. Mas, por outro lado, tinha pena da sogra, que sempre lhe acusava e agredia, mesmo estando na fase terminal de uma doença grave.

O caboclo, ao final, disse à mulher que sabia que ela morava longe e que não poderia voltar mais ao nosso centro. Porém, ressaltou que ela poderia contar sempre com ele, mesmo à distância, através do pensamento.

Pouco tempo depois, aquela nossa sessão mediúnica foi encerrada. Nunca esqueci o caso. Pudemos constatar que, de fato, a história desvendada pelo caboclo era inteiramente verídica e, realmente, a senhora morava longe e nunca mais pôde retornar ao nosso terreiro.

Considero-me privilegiado por ter presenciado trabalhos espirituais como esse e, hoje, em abril de 2016, com 48 anos de idade, sinto que não posso deixar de compartilhar essas vivências com outros irmãos umbandistas. Okê Arô Oxossi! Salve Sr. Pena Verde!

24- DEMANDA NEUTRALIZADA POR BOIADEIRO

Era o final de uma gira de Umbanda, no terreiro onde eu atuava no início da década de 2000. Após as atividades dos caboclos, foi chamada a Linha dos Boiadeiros. Neste dia, um grande beneficiado da sessão foi o próprio dirigente, o amigo Néelson Vilhenna, que me contou o que aconteceu: os fatos relatados na sequência.

Recebi a minha entidade, Boiadeiro Sete Estrelas, que pediu ao Néelson um cigarro. Após algumas baforadas, o trabalhador espiritual apagou o cigarro e disse ao Néelson para embrulhá-lo num papel e levá-lo, no seu carro, para a universidade onde o dirigente do centro era professor.

A seguir, o boiadeiro disse ao Néelson que tinha uma demanda contra ele, lá onde trabalhava, mas afirmou que cuidaria do caso e não haveria problema. Enfatizou que havia muita negatividade, mas que resolveria a questão. Tinha gente lhe desejando o mal, querendo derrubá-lo de fato, mas não conseguiriam.

Néelson agradeceu à entidade e fez como lhe foi orientado. O cigarro ficou guardado no seu automóvel e, a partir da segunda-feira, ia e voltava à universidade com o objeto dentro do veículo. Na quarta-feira, retornando para sua casa, Néelson ouviu um barulho estranho, que parecia vir das rodas do seu carro. Assim, saiu da estrada, indo parar no acostamento, para verificar o que estava acontecendo.

Quando o Néelson desceu de seu automóvel, ficou muito espantado com o que constatou: as rodas haviam sido afrouxadas e, em especial, uma delas estava quase se soltando do eixo! Provavelmente alguém da própria universidade, de uma forma criminosa, havia desapertado os parafusos das rodas. Então, ali, em plena estrada, ele resolveu o problema com uma ferramenta que carregava no porta-malas.

Na sessão seguinte do centro, o dirigente veio falar comigo sobre o acontecimento. Questionei-o como havia ouvido o barulho estranho, se normalmente ele vinha dirigindo o carro de janelas fechadas. Ele mesmo surpreendeu-se em como

havia percebido o som esquisito, atribuindo a isso uma ajuda extra da Espiritualidade. Nélon me disse que, a partir do ocorrido, iria sempre verificar os pneus antes de sair de seu trabalho para casa.

Indaguei ao amigo, quem poderia ter feito ato tão sórdido, mas Nélon respondeu-me que não fazia a menor ideia. Ele acrescentou, apenas, que algumas semanas atrás, um funcionário da universidade havia o alertado que ele precisava de ajuda espiritual, pois havia recebido este recado de uma entidade, num lugar que ele frequentava. Como Nélon sabia que o funcionário gostava da chamada “magia negra”, declinou educadamente do convite, porque não concordava com essas práticas.

Bem, o dirigente Nélon Vilhenna, por sua honestidade e grande dedicação às questões espirituais, foi protegido naquela ocasião. O mérito de uma pessoa sempre lhe brinda com as melhores energias. Assim, até hoje (maio de 2016), Nélon continua conduzindo com esse esmero seu grupo espiritualista, com ótima saúde, mesmo já tendo quase 80 anos de idade. Salve Boiadeiro Sete Estrelas! Salve todos os boiadeiros!

25- ENTIDADE NÃO AUTORIZADA

Eu tinha acabado de subir num ônibus, para uma viagem curta, até a residência da senhora Divina. Ela fazia sessões de mesa de Umbanda, na garagem de sua bela casa, com um reduzido grupo de pessoas. Eu era um médium inexperiente naquela época, por volta de 1995. Ali eu vinha sendo útil aos trabalhos e, ao mesmo tempo, estava aprendendo bastante.

Como dizia, eu havia subido no ônibus, mas não procurei lugar para sentar, pois a viagem seria breve. Fiquei de pé, segurando uma barra metálica no alto do veículo, com minhas duas mãos. Eu já estava me concentrando para as atividades mediúnicas, procurando ficar alheio ao barulho e à movimentação ambiente. Fechei os olhos e, enquanto o coletivo rodava pelo asfalto, senti uma presença ao meu lado, a cerca de um metro de distância. Pela vidência, que não é muito frequente comigo, ali estava uma entidade de aparência estranha, mas, de alguma forma, familiar. O ser masculino tinha pele morena, como a dos indianos. Era muito magro e, como se apresentava sem camisa, sobressaíam suas costelas. Tinha estatura mediana, como eu, mas seus volumosos cabelos negros e lisos eram compridos, indo até o meio de suas costas. Possuía dedos finos e as unhas eram compridas.

Ele não me amedrontou, pois como coloquei antes, havia algo de familiar nele. Suas vibrações repercutiram em mim, traduzindo que ele tinha uma vontade forte e persistente, mas também certa frieza. Porém, apesar desta minha sensação, ouvi a entidade dizer, com satisfação contida: “Finalmente te encontrei! Procurei você por muito tempo! Vamos voltar a trabalhar juntos.”

Após essa breve comunicação, voltei a focar no ambiente exterior, porque tinha em mente que o percurso até a casa da senhora Divina era curto. Passaram cerca de cinco minutos e o ônibus chegou ao meu ponto de desembarque. Caminhei da estrada para o condomínio, onde a dirigente daquele grupo espiritualista morava, por sete minutos no máximo. Ainda sentia as vibrações daquela estranha entidade,

mas não pude mais ouvi-la nem vê-la. Bati palmas no portão, alvoroçando os vários cachorros de dona Divina. O esposo dela veio me receber, sorridente.

A sessão não demorou a começar. Todos do grupo estavam presentes e apenas deu tempo de nos cumprimentarmos. Não falei nada a ninguém, sobre a experiência com a estranha entidade, que tinha ocorrido há pouco. Os cães, curiosamente, sempre que fazíamos reunião, se posicionavam em volta da mesa, onde ficavam os médiuns. E ficavam em silêncio, deitados.

A sessão transcorria normalmente, tendo se realizado a parte dos estudos e também o atendimento aos desencarnados em sofrimento. No período destinado às instruções das entidades de Umbanda, algo diferente aconteceu. A senhora Divina comentou que estava sentindo vibrações desconhecidas e se sentindo incomodada. Mantive-me quieto, observando-a. Ela parecia assustada. E estava mesmo, pois, ao olhar para mim, confessou que não desejava receber a entidade presente, dizendo: “Pablo, esse espírito tem ligação contigo. É pesado. Vou passá-lo para você receber!” Fiquei um pouco frustrado, pois eu queria conversar com ele, de modo a saber o que queria comigo. No entanto, não podia exigir isso da senhora Divina. Então, estiquei minhas mãos, segurando nas mãos da dirigente do grupo, que estava ansiosa por se livrar daquela situação.

Logo a seguir, incorporei o espírito. Para a surpresa de todos os presentes, ele se comunicou numa língua estranha. Ninguém entendia seu idioma, que não se parecia com nada que conhecíamos. A entidade não ficou muito tempo. Não me prejudicou e pareceu até mesmo tentar me ajudar. Após a incorporação, mantive-me bem. Ficou na minha mente que aquele espírito tinha sido um amigo, numa vida passada, quando compartilhamos atividades de magia, com fins egoísticos. Havíamos praticado magia negra, juntos.

Conversando com uma pessoa mais experiente, à época, pude concluir que a Espiritualidade havia permitido aquela aproximação, de modo a dar uma oportunidade àquela entidade de seguir um novo caminho. Aquele espírito era uma

entidade não autorizada pela Lei de Umbanda. Não estava esclarecido o suficiente para trabalhar na corrente umbandista. Também havia sido um teste para mim, pois eu poderia novamente enveredar pelo desejo de poder, como no passado.

Agora, enquanto finalizo este relato (31 de maio de 2016), um guardião amigo se aproxima e me revela que aquele espírito hoje já trabalha como exu, participando ocultamente da minha corrente de proteção. Fico muito feliz com esta revelação, ou seja, 21 anos depois daquele reencontro, o meu amigo do passado transformou-se o suficiente para tornar-se um guardião da Umbanda. Desejo a ele muita luz em sua jornada.

26- SABEDORIA DE ERÊ

No início de minha jornada mediúnica, na década de 90, eu era um sujeito voluntarioso. A juventude e o vigor físico ajudavam-me a crer que, junto com as entidades de Umbanda, pudesse realizar trabalhos de descarrego e similares, de forma sistemática, sem que eu adoecesse ou absorvesse energias negativas. Com o tempo, fui percebendo que não era bem assim. Porém, o início do meu despertar se deu através da sabedoria simples de um erê, dentro de uma vivência, que conto a seguir.

Por oito anos, participei de um grupo que realizava sessões de mesa de Umbanda. Sempre, após o período de estudos, vinham os chamados “irmãos sofrendores” que, na realidade, consistiam em espíritos variados, desde desencarnados perdidos até quiumbas (obsessores) perigosos. Mas, naquelas semanas, sessão após sessão, estavam se manifestando principalmente entidades muito agressivas, ligadas à magia negra. Isto estava assustando à médium S. que, junto comigo, éramos os mais preparados para a incorporação dessa classe de espíritos, tão densos vibratoriamente. Ela estava resistindo a dar passagem a esses quiumbas, que precisavam ter esse contato com o aparato mediúnico, bem como conversar com o dirigente do centro, que cumpria relevante papel de esclarecimento.

Nas reuniões, notando uma certa aflição da médium S., durante a aproximação dos obsessores, passei a segurar em uma de suas mãos, com o intuito de “puxar” as entidades para mim. O processo funcionava e, nesse contexto, passei a realizar muitas incorporações em cada sessão. Contudo, em determinada reunião, após o trabalho desobsessivo, senti-me desgastado. Meu corpo tremia, não se estabilizava, enquanto o suor escorria pelo meu rosto com abundância. Sofria náuseas também.

Na sequência, a médium S. recebeu o Erê Crispim, que logo se dirigiu a mim. Ele ajudou-me bioenergeticamente e falou: “Tiozinho, não adianta você querer fazer a tarefa do meu aparelho! Você não vai aguentar tudo sozinho! Ela é que tem que

fazer a parte dela, porque cada um tem a sua cruz.” Ao ouvir o que a criança espiritual me transmitiu, compreendi que eu estava passando do meu limite e também impedindo que a médium S. se libertasse do seu temor e cumprisse sua missão espiritual.

Aquela sessão transcorreu normalmente e pude assistir as atividades orientadoras do Crispim aos consulentes da casa. Eu, de minha parte, como estava um tanto combalido, praticamente não pude dar passagem ao meu erê, que veio apenas rapidamente, mais na intenção de me reequilibrar. Eu estava recebendo as consequências de minhas atitudes voluntariosas, que vinham acontecendo já há várias reuniões.

Bem, que lições pude aprender naquele período de minha vida e também ao longo do tempo, quanto ao equilíbrio na ação mediúnica? Percebi que existe uma programação espiritual um tanto rígida, quanto ao que cabe a cada médium. Se este, por qualquer motivo, deseja fazer algo a mais, acaba por se desgastar bioenergeticamente. E se insiste neste posicionamento, pode ficar doente, até de forma crônica, sendo a recuperação muito lenta.

Também aprendi que, em grande parte das vezes, o médium que vai além da sua programação mediúnica, assim o faz por ilusões que alimenta. E a base dessas ilusões é a vaidade! Muitos se acreditam como “supermédiuns” ou imaginam que suas entidades vão os livrar de tudo.

Primeiramente, não há exatamente “supermédiuns”, pois cada um tem sua própria carga de ectoplasma (bioenergias) e um determinado tipo de reposição. Onde há gasto em excesso de ectoplasma, sem o descanso necessário e recuperação dessas bioenergias, haverá uma queda, seja orgânica e/ou psíquica.

Em segundo lugar, os protetores e guias de Umbanda não vão livrar seu médium de todos os obstáculos. São as pedras do caminho que fazem o umbandista crescer e amadurecer. E sobretudo quando os problemas são criados pelo próprio médium, este é deixado dentro do “caldeirão de sofrimento” que produziu, até que

haja um despertar do trabalhador encarnado. Na Umbanda, seriedade e humildade são bases fundamentais.

27- O MENINO E AS POMBA-GIRAS

Em 1994, eu atuava especificamente como cambono, no primeiro terreiro ao qual me integrei. Naquela época, já sentia as vibrações das entidades, mas era algo sutil. A incorporação só viria depois...

Eu era cambono da Senhora Maria Padilha, a pomba-gira da mãe pequena do centro. O trabalho era intensivo, mas me permitia observar também outras entidades do terreiro. Assim, com o tempo, passei a admirar o trabalho de uma Senhora Cigana e da Senhora Rosa Caveira, através de outras duas médiuns experientes da casa.

Então, em cada gira de exus, era bastante interessante assistir a atuação das três entidades citadas. Ali, naquela época, aprendi muito, até que chegou um período de suspensão das atividades do centro. Isso coincidiu com as minhas férias na universidade e recebi um convite para uma viagem ao Espírito Santo, para a região de Guarapari. Quem havia me chamado, o professor-orientador Saulo, era umbandista. Ele havia, anteriormente, me levado a uma sessão de Umbanda pela primeira vez, o que havia sido um ponto crucial da minha vida. Ele foi muito importante na minha jornada profissional e também espiritual. Aceitei a proposta de viagem, que seria realizada com o professor Saulo, sua esposa e seu filho João, que contava com apenas cinco anos à época.

Levei em minha bagagem uma caixa de velas brancas e fósforos. Eu planejava, interiormente, acender uma vela para cada uma daquelas pomba-giras que eu admirava, na beira de uma praia de Guarapari, se fosse possível. Minha ideia era agradecer a elas pelo belo trabalho que vinham realizando no terreiro, bem como eu pediria mais luz para o caminho delas. Eu desejava, de coração, que elas evoluíssem mais e mais...

Quando chegamos ao hotel e nos instalamos, o professor Saulo propôs um passeio numa praia próxima. Então, eu disse a ele que gostaria de acender três velas,

embora não tenha lhe explicado com que propósito. Saulo logo concordou e disse que ele levaria o seu filho João.

Era o início da noite e a temperatura estava agradável. Uma brisa bem perceptível corria na praia. Caminhávamos, conversando sobre coisas da vida, com os pés na areia macia, até que chegamos a um local com poucas pessoas. Ali seria adequado acender as velas e fazer uma oração para cada entidade. Desta forma, ajoelhei-me e passei a fazer três buracos, aonde colocaria cada vela, ao abrigo do vento.

Depois que as velas já estavam acesas, fiquei em silêncio, orando mentalmente em intenção de cada pomba-gira em sequência, pedindo ao Pai Maior que lhes amparassem em seus trabalhos. Então, de repente, fui interrompido pelo menino João. O garoto, influenciado por uma força invisível, tinha acabado de se jogar em frente a uma vela, de joelhos na areia, apoiando-se com as mãos no solo e dando uma estranha gargalhada. Tomei um susto com a situação e, logo em seguida, Saulo pegou no braço de seu filho, repreendendo-o com vigor. Ergueu o menino e o sacudiu, dizendo a ele que não era hora de brincadeiras, pois o Pablo estava rezando.

Saí do meu estado de espanto e disse ao Saulo que estava tudo bem. Falei para ele não brigar com a criança, pois o João somente havia captado para quem eu estava oferecendo as velas. O garoto ficou um pouco chateado com o pai, mas foi algo passageiro. No caminho de volta até o hotel, expliquei ao Saulo que eu havia acendido as velas em intenção de três pomba-giras. O menino João, com seus cinco anos de idade, nada sabia de Umbanda e das suas entidades. Seu pai nunca havia lhe falado nada sobre religião, pois entendia que ele deveria crescer e decidir, no futuro, aquilo que desejasse seguir.

Mais tarde, em minha cama no hotel, fiquei meditando sobre o acontecimento inesperado. A Espiritualidade havia se manifestado, através da criança, de modo a me dar um retorno visível quanto a minha intenção. Ali, naquela praia, realmente alguém estava presente para ouvir e receber as velas e as preces. Fiquei muito feliz

com o acontecimento. Lá eu nada pedia para mim e, talvez por isso, uma das entidades fez questão de se fazer notar, através de uma criança inocente. Aliás, naquela oportunidade eu tive uma prova contundente da sensibilidade natural das crianças aos espíritos. O garoto havia entrado num transe rápido, mas típico de um médium umbandista que recebe uma pomba-gira.

Semanas depois, de volta às atividades do meu terreiro, à época, nunca comentei às pomba-giras sobre o acontecimento. Eu simplesmente já sabia que minhas orações tinham chegado ao seu destino.

28- SINGELO PRESENTE DE EXU

Todo médium ostensivo e cumpridor de seus deveres tem a proteção de exu, inclusive no dia a dia material, com suas variadas atividades, sejam profissionais ou até durante o lazer.

No entanto, não se deve crer que exu seja uma espécie de guarda-costas, que impede quaisquer sustos ou desafios que a vida nos reserva. Estamos encarnados para crescimento como seres humanos e desenvolvendo-nos como criaturas espirituais.

Além da função de proteção, os guardiões atuam também no nosso campo psíquico, transmitindo-nos orientações, quando necessário. E essas orientações ou avisos podem chegar até nós na forma de sensações, intuições ou mensagens mais diretas e claras ao campo mental.

Naquele dia, no ano de 2012, eu estava mais uma vez no centro da Cidade do Rio de Janeiro, na intenção de comprar livros interessantes, por preços promocionais. Aliás, eu já fazia isso desde a minha adolescência, conhecendo muitos “sebos” (livrarias que vendem livros usados), onde comprava ótimas obras sobre espiritualidade no geral, a preços que cabiam no bolso de quem ainda não trabalhava. Um fato interessante é que, com o tempo, eu desenvolvi uma intuição sobre onde buscar o que eu queria, quase sempre tendo sucesso em encontrar os livros dos quais eu necessitava. Às vezes, as intuições eram bem claras, ao passo que, em outras oportunidades, nem tanto. De qualquer forma, parecia-me que uma força, frequentemente, fazia-me chegar aos lugares certos para adquirir boas obras.

Bem, voltando àquele dia de 2012, eu estava no Largo da Carioca, num horário de grande movimentação. Lembrei-me, repentinamente, de uma livraria próxima a uma saída do metrô, pensando em ir até lá. Desta vez, não estava procurando nenhum livro em especial. Contudo, pela via mediúnica, ouvi a seguinte frase: “Tem um presente pra você lá!” Era a voz de um guardião conhecido.

Dirigi-me até a livraria, acreditando que acharia algo bom para comprar. Lá chegando, notei que haviam colocado, do lado de fora da loja, uma mesinha com obras em promoção. Fiquei ali, de pé, analisando o que estava exposto. Depois de um tempo, nada de interessante! Entretanto, um vendedor vindo de dentro do estabelecimento se aproximou de mim e, abordando-me de forma direta, disse: “Tome este livro! É para o senhor! É uma obra antiga, com alguns buracos pequenos de traça, mas vale a pena ser lida! Cortesia da casa!”

Segurei o pequeno livro, sem maior reação de minha parte. Eu estava surpreso com o presente que me fora segredado, há poucos minutos, pelo exu amigo. Saindo daquele estado, enquanto via o rosto sorridente do vendedor, a minha frente, agradei. E o homem complementou: “É Os Lusíadas, de Camões!” Agradei novamente e fui-me embora, ainda espantado pela rapidez e forma imprevista com a qual o presente chegou as minhas mãos.

Depois, com mais calma, notei que era uma edição muito antiga de “Os Lusíadas”, poema épico de Luís Vaz de Camões, editado na cidade do Porto-Portugal, pela famosa Livraria Chardron, existente desde o século XIX. Através de pesquisa pela Internet, constatei que aquela edição do livreto já contava com mais de 100 anos de idade.

Achei muito interessante o presente e ele tinha um significado complexo para mim. Dentre os textos mediúnicos que já psicografei, estão diversos de cunho poético, embora nada que se assemelhe a envergadura de Camões. Outro aspecto a assinalar é que já fui português em vidas passadas, podendo acessar essa informação por meio de técnicas de regressão de memória.

Até hoje guardo a velha obra comigo e sou grato ao amigo guardião. Laroîê exu! Exu é mojubá!

29- OFERENDA PRECIPITADA

Naquela sessão de caboclos, muito movimentada, estava presente Adriano, irmão de um dos cambonos da casa espiritualista. Era a sua primeira vez ali e estava muito necessitado de ajuda, pois a sua vida profissional permanecia completamente estagnada, mesmo após muitos anos de formado num curso superior.

Durante a gira, Adriano ouviu de um dos caboclos que, numa próxima oportunidade, seria necessária uma oferenda para abrir os seus caminhos. O jovem ficou com aquela informação na sua mente, tendo esperança de que sua vida, finalmente, destravasse.

No entanto, uma forte característica da personalidade de Adriano era a ansiedade. Ele não sabia esperar e quase sempre tomava atitudes precipitadas. Assim Marcel, cambono de nosso terreiro e irmão de Adriano, veio me dar uma notícia sobre o que Adriano havia feito, alguns dias depois de ter ido a nossa sessão de Umbanda.

Marcel contou-me que ouvira de seu irmão, que morava num sítio, que ele havia realizado uma “oferenda” por conta própria num determinado dia. Adriano queria uma melhora rápida de sua vida e, depois do almoço, resolveu preparar um prato de comida, com os mesmos itens de sua refeição, para seus guias. Ele acreditava que isso funcionaria, levando a “oferenda” para a beira de um riacho, que corria num terreno atrás de sua casa. Adriano fez uma oração e seus pedidos, afastando-se alguns metros do prato de comida. Resolveu ficar por ali, a certa distância, observando por um tempo a “oferenda”.

Não demorou muito e surgiu um gato, vindo do meio do mato. O animal se aproximou lentamente do prato, mas, a cerca de um metro, parou. Seus pelos se eriçaram visivelmente. O bichano deu um salto para trás, soltando um miado assustado. Em seguida, correu em disparada para o meio do mato, sumindo das vistas de Adriano.

Provavelmente o gato viu alguma entidade que veio receber a “oferenda” ou sentiu a sua presença, assustando-se. O fato é que o animal não tocou na comida e isso surpreendeu Adriano, que resolveu contar o acontecimento a seu irmão Marcel.

O tempo passou. Qual foi o resultado da "oferenda"? Os pedidos de Adriano foram atendidos? Ele teve oportunidades em sua vida profissional? Não! Transcorreram-se meses e nada mudou. Adriano só voltou uma vez mais no nosso terreiro, não tendo paciência de aguardar uma orientação segura. Anos depois, Marcel contou-me que a vida de seu irmão ainda estava paralisada profissionalmente.

Este caso é uma oportunidade de breve reflexão quanto às oferendas. Na Umbanda, elas podem ter funções variadas, não se utilizando qualquer alimento e também devendo-se seguir modos adequados de preparo. Destaco que os alimentos e bebidas, disponibilizados às entidades, são fontes de bioenergias para as diversas atividades do terreiro. Como grande parte dos centros umbandistas atuam em processos desobsessivos e, frequentemente, no desmanche da magia negra, há necessidade deste suporte energético. Quando as oferendas são escassas ou mal realizadas, as bioenergias dos médiuns são requeridas em excesso, podendo trazer desgaste intenso, com uma baixa imunológica, e até resultando em doenças a alguns dos integrantes do terreiro. Porém, este assunto é vasto e não há espaço suficiente para destrinchá-lo neste relato.

Bem, mas o que aconteceu com a “oferenda” precipitada de Adriano? Quem veio receber os alimentos ofertados foram entidades desequilibradas, que o acompanhavam já há algum tempo. Em outras palavras, foram obsessores que se aproveitaram dos alimentos, fortalecendo-se ainda mais, para continuar provocando obstáculos na vida de Adriano. Naquela época, realizei um desdobramento espiritual e pude ver, no Astral, os perseguidores do irmão de Marcel. Era uma verdadeira gangue.

Ou seja, qualquer oferenda precisa ser bem orientada e só deve ser realizada em locais com proteção espiritual. Se esses fundamentos não forem respeitados, há grande risco de se doar bioenergias para os chamados quiumbas.

RELATOS DAS VIVÊNCIAS

(PARTE 2 – COM PSICOGRAFIAS)

A- AS PRINCIPAIS FORÇAS DE SUSTENTAÇÃO DE UM TERREIRO

Eu estava, à noite, num domingo de abril de 2016, preparando um banho de ervas. Foi quando senti a aproximação de Pai Cipriano. Ele queria me passar uma mensagem sobre o que, de fato, sustenta um templo umbandista. Algumas imagens foram projetadas em minha mente e logo eu tinha uma noção do que ele queria falar, quando possível.

Tomei o banho e fui realizar uma tarefa inadiável. Duas horas depois, fui me deitar. Contudo, o sono não vinha e tive uma breve vidência de um vilarejo do Plano Astral, que era formado por casas simples, num ambiente de muita luminosidade. Abri os olhos materiais e confirmei a plena escuridão de meu quarto. Tornei a fechar os olhos e vi outras localidades, onde predominava a claridade intensa. Alguém estava me mostrando partes de uma colônia espiritual. A seguir, começaram a se formar ideias muito nítidas em minha mente. Percebi, novamente, a presença de Pai Cipriano. Então, levantei-me para registrar em papel a mensagem abaixo:

As principais forças de sustentação de um terreiro de Umbanda não são exatamente os assentamentos e firmezas que estão na porteira ou no gongá. A sustentação maior de uma casa umbandista não é feita de matéria. A casa fica de pé pelos bons sentimentos e pensamentos que são depositados em cada ponto que precisa de axé, se irradiando pelo ar que todos respiram.

Eu, na minha jornada pela Umbanda, já vi muitos terreiros, desde casas quase luxuosas até as cabanas mais humildes. Vi todo tipo de material que foi usado na intenção de firmar a casa e protegê-la dos maus espíritos. Vi vários rituais para trazer axé e dar boas condições para os guias descerem e prestarem a caridade. Mas, nas minhas andanças, percebi que o mais importante era facilmente esquecido pelos filhos de fé. Então, na minha teimosia de preto-velho, sempre que Pai Oxalá permite, venho para lembrar as principais forças de sustentação de um terreiro de Umbanda.

A primeira força de sustentação de um terreiro de Umbanda é a Caridade. Então, o interesse financeiro não pode fazer morada numa casa umbandista. Se ele entra por uma porta, a Caridade sai por outra.

A segunda força de sustentação é a Humildade. Num bom terreiro, nunca se pode esquecer que todos são irmãos. Ninguém é melhor que o outro e aquele que sabe algo a mais, precisa ensinar ao semelhante sem soberba. Nunca se esqueça que as lições mais profundas, muitas vezes, partem daquele que aparentemente é o menor.

A terceira força de sustentação é a Disciplina. É importante respeitar o dirigente do terreiro e outros que têm funções de responsabilidade na casa. Mas, a maior Disciplina é o dever que cada um tem perante si próprio na busca da sua evolução. E lembro ainda que a correta disciplina não ataca a Caridade nem humilha a Humildade, que são as duas primeiras forças de sustentação. É mais importante disciplinar a si mesmo do que corrigir ao seu irmão, porque o Mestre disse um dia que não era bom ver o argueiro no olho do seu irmão, enquanto se esquece a trave no próprio olho.

A quarta força de sustentação, para completar a Cruz das Almas, é o Amor. Esse é o maior fundamento de um terreiro de Umbanda! Se não houver Amor, as três forças de sustentação anteriores ficam vazias, perdendo o valor verdadeiro, sendo substituídas pelo cinismo, pela hipocrisia e pela falsidade.

Então, filhos de fé, não é preciso procurar outras forças de sustentação. Se tiver só essas quatro, a Caridade, a Humildade, a Disciplina e o Amor (que a tudo sustenta), tudo o mais se consegue. Assim o terreiro cresce, floresce e frutifica com abundância. Que Pai Oxalá abençoe cada alma de boa vontade que leu, com atenção, essas palavras desse teimoso velho Cipriano.

Após eu terminar de psicografar a mensagem, li e reli o texto. Fiquei surpreso com o conteúdo porque, horas atrás, eu só tinha vaga ideia do que seria. Olhei o

relógio, que marcava quase meia-noite. Eu precisava dormir, porque o dia seguinte era dia de trabalho. Deitei-me e agradei a Pai Cipriano. Salve os pretos-velhos! Adorei as Almas!

B- FUNÇÕES REAIS DE EXU

Segunda-feira! Dia de retornar ao trabalho material que nos sustenta, após um final de semana de descanso. Era um dia quente de abril de 2016 e eu estava no ônibus meio cheio. Sentava numa cadeira solitária, próximo ao motorista. O ambiente não era propício, mas ali, naquele coletivo, em plena estrada, senti a presença do Sr. Sete Encruzilhadas. Ele apenas me passou que, mais tarde, à noite, viria transmitir uma mensagem.

Depois do trabalho, ao entrar em casa, ouvi sua característica gargalhada. Eu era médium desse guardião há mais de 20 anos. Tomei um banho de ervas e coloquei-me à disposição. Não demorou e ele aproximou-se, passando-me o conteúdo a seguir.

Boa noite moço! Estou aqui, hoje, pra falar sobre funções verdadeiras de exu. Estão fazendo muita “misturada” por aí e é sempre bom lembrar porque existe a Linha dos Exus. Não vou falar tudo, mas vou apontar coisas importantes.

Exu tem o seu “lado” protetor, que é quando o espírito cumpre a função de guardião. Ele guarda ou protege pessoas, onde elas moram e também terreiros de Umbanda. Só vou mostrar três exemplos disso.

Primeiro, quando o guardião protege uma pessoa é a função mais comum. Todos que merecem, tem um exu próximo, pelo menos nas principais horas do dia. Quando o indivíduo é médium e cumpre bem suas tarefas, tem proteção mais forte de exu.

No segundo caso, existem os guardiões dos lares, mesmo para aquelas famílias que não conhecem os fundamentos de Umbanda. Esses exus têm preparo especial para cumprir essa função, impedindo, quando necessário, que os quiumbas* morem na casa. O guardião que protege um lar não é o mesmo que, normalmente, “baixa” num terreiro para trabalhar com a mediunidade.

Em terceiro lugar, tem os exus protetores dos terreiros de Umbanda. Geralmente eles ficam na porteira, impedindo entradas não autorizadas pela Lei.

Depois de ter falado um pouco sobre os guardiões protetores, agora vou lembrar que existem os exus de trabalho mediúnico. Esse é um outro “lado” de exu e o preparo de cada espírito, nesse campo, é bem diferente. Cada um tem sua especialidade. Existem os que desfazem a magia negra; outros que são conselheiros; outros que são bons para abrir os caminhos, encontrando oportunidades para os consulentes do terreiro; e vão longe os tipos... Exu tem muitas formas de agir e cada espírito dessa Linha tem uma ou mais habilidades de valor.

Mas, veja bem moço, escreve aí uma coisa bem importante: vou dizer o que exu não faz!

Exu não faz “amarração de amor”! O máximo que exu faz é aproximar as pessoas na Terra. E elas têm que se entender, usando a própria vontade, raciocínio e coração.

Exu não faz demanda! Quem faz demanda é o homem de carne e osso, movimentado pela sua ambição, vaidade ou desejo de vingança.

As entidades que dizem fazer “amarração de amor” ou “demanda” não são exus, mas sim quiumbas. O verdadeiro exu trabalha dentro da Lei e não se deixa levar pelos baixos sentimentos de seus médiuns. E tem mais! Exu nunca vai tirar um sofrimento do caminho do seu médium, se esse sofrimento vai fazer ele crescer e melhorar. O exu verdadeiro trabalha debaixo das forças e sabedoria dos orixás.

Assim, moço, me despeço. Meu recado já foi dado. Não é recado novo, mas é sempre bom lembrar ao povo da Terra! Quem quiser se entregar aos quiumbas, que se entregue! Mas depois, tem que ser forte para aguentar as consequências da Lei, porque tudo que vai, um dia volta!

Depois que o Sr. Sete Encruzilhadas se afastou, agradei a sua presença. Sempre é bom lembrar que nós, enquanto encarnados, estamos sujeitos aos erros da nossa personalidade humana, ainda tão cheia de vaidades e egoísmos. Laroîê exu! Exu é mojubá!

* Quiumbas são espíritos desequilibrados, também chamados de obsessores (nota do médium).

C- BRINCADEIRA DE ERÊ

Segunda-feira, dia 9 de maio de 2016! Pela manhã, firmei as Almas e salvei o Sr. Obaluaê. O sol subia no céu e a temperatura estava agradável no outono carioca.

Então, sem a menor suspeita prévia, recebi a visita de espírito amigo, antigo conhecido nas minhas atividades psicográficas, que se apresenta como criança espiritual. E ele, sem qualquer parcimônia, começou a recitar uma poesia, que expresso a seguir.

**Brincadeira de erê
É facho de esperança!
Retorna a vontade de viver,
Na conversa com as crianças.**

**Brincadeira de erê,
Nas giras de Umbanda,
É força para vencer,
Superando as demandas.**

**Brincadeira de erê
É viagem à infância.
Só sabe quem vem pra ver
E não fica à distância.**

**Brincadeira de erê
É vitória e bonança.
Se esquece o sofrer.
É sorriso que não cansa.**

**Brincadeira de erê
É cura que se alcança.
Não há o que temer.
A doença se espanta!**

**Brincadeira de erê
Não é encher a pança!
É alegria e não esmorecer.
É renovação que encanta.**

**Brincadeira de erê
É força que se lança,
Em rodopios de bela dança,
Na direção de Aruanda.**

Quando terminei de escrever a poesia que o espírito “Poetinha” recitou, não me surpreendi com o seu teor. Embora Poetinha tivesse me passado conteúdos universais nos livros que me ditou no passado, sempre soube que esta entidade também labutava na Corrente Astral de Umbanda. Agradei ao companheiro espiritual e me pus a sua disposição, se quisesse voltar para trazer poesias sobre o Umbandismo.

Fechando este relato, apenas para registro, psicografei o espírito Poetinha nos livros “Sabedoria em versos” (2001), “Vidas em versos” (2005) e “Sonetos para refletir” (2011). Gratidão sempre, Poetinha! Salve os erês e todas as crianças de Umbanda! Oni Ibejada!

D- BREVE HISTÓRIA DE UM ZÉ PELINTRA

Eram 12 dias de agosto de 2011. Noite plena. Não conseguia dormir e, num dado momento, percebi a presença de uma entidade. Peguei lápis e papel, pois notei um desejo de manifestação. Depois de alguns instantes, psicografei a mensagem a seguir.

Pelas ruas da Lapa, eu ia de bar em bar. Afogar as mágoas? Era possível, isso, esperar? Não me engano mais! Aguardente não é água de paz! As cabrochas faceiras, de fingidas boas maneiras, ficaram para trás. Tempos que não voltam mais! Porém, estão vivos na minha memória. Faz parte da minha história! Faz parte da minha raiz! Não fui feliz, mas hoje me sustenta essa raiz. E ando pelas ruas da Lapa, no Centro Velho do Rio, ajudando quem ainda “não tomou vergonha na cara”. Minha banda ainda não está limpa, mas a sujeira maior ficou para trás. Hoje, posso dizer que sou auxiliar de serviços gerais. Ofereço-te meus préstimos, caro amigo. Por fim, assino: Poeta do Rio Antigo.

Quando o texto estava terminado, olhei para o relógio, que marcava meia-noite e trinta minutos. Finalmente senti sono. Li a mensagem e, pelo seu teor, associando-se à vibração do espírito, concluí que era de um trabalhador espiritual da falange de Zé Pelintra. Agradei a sua presença e comunicação, indo dormir.

Pela manhã, logo que despertei, notei que a entidade estava próxima de mim novamente. Ele queria passar mais uma mensagem. Fiquei sinceramente surpreso, porque tinha que ir trabalhar e meu tempo era um tanto escasso. De qualquer forma, me pus à disposição de imediato, de modo que surgiu o conteúdo expresso na sequência.

Malandro é quem sabe como funcionam as coisas. É quem procura entender as regras do jogo. Insano é quem se deixa levar pela vida, a seu bel-prazer. Mas, como fazer? Vou descrever! Tem que ser bom observador para, na vida, ser bom jogador. Primeiro olha, depois joga. E quando entrar em cena

para fazer seu papel, não adianta querer ganhar o Prêmio Nobel. Não vai acertar tudo! Então, vai ter que aprender a paciência e voltar a jogar com persistência. Se fizer isto, eu digo que é malandro, pois malandragem verdadeira não é escândalo. Disso eu tenho experiência própria. Conheci bem a sarjeta, que faz parte da minha história. Desci fundo, atrás do prazer de momento. Fui chamado de escória. Não enxergava a verdade. Só descia mais fundo, sem querer entender. Fechei-me para tudo! E este é o maior perigo! É o que deixo, agora, escrito. Sou o Poeta do Rio Antigo.

Após o segundo texto, entendi que o amigo espiritual desejava passar um pouco da história de sua última encarnação, com seus dissabores e aprendizados. Muitas vezes, esquecemos que as entidades da Umbanda fizeram uma longa caminhada, através das suas encarnações, até se tornarem guias ou protetores. Nenhum espírito se agrega a uma falange à toa. É uma questão de afinidade e habilidades adquiridas. Cada trabalhador espiritual, chancelado pela Lei de Umbanda, é o resultado do somatório de suas experiências pretéritas e do treinamento pelo qual passam no Plano Astral. Especificamente, quanto ao exu que me deixou as mensagens acima, suas palavras falam por si e não me atrevo a acrescentar nada. Salve Senhor Zé Pelintra!

E- MARIA PADILHA: QUEM SOMOS NÓS OS EXUS

Há três dias, eu vinha cantarolando mentalmente um ponto de Umbanda. A cantiga vinha, ficava por um tempo na minha cabeça e sumia. O problema é que eu não sabia dar continuidade ao ponto, que dizia: “Cemitério é praça linda, mas ninguém quer passear...”. Eu devia ter ouvido o cântico em algum lugar e ele acabou ficando no meu subconsciente. Como dizia, ele insistia em ressurgir, nos últimos dias, em vários momentos diurnos ou noturnos, porém sempre incompleto. Assim, hoje, 20 de junho de 2016, nesta segunda-feira da minha última semana de férias, resolvi descobrir a letra completa do ponto pela Internet, com a ajuda da companheirinha Fabíola di Mello. Após breve busca, pude ouvi-lo de forma completa.

Acomodado em frente ao computador, de forma isolada em meu escritório, senti uma profunda emoção ao ouvir o ponto algumas vezes. Eu não sabia explicar de onde vinham aqueles sentimentos. Eles apenas fluíam. Chorei. Confesso que chorei. Isto não tinha acontecido comigo antes. Não desta forma. Contudo, não era devido exatamente à cantiga. Agora, eu percebia a presença de uma entidade feminina, uma pomba-gira, que era a fonte das emoções que repercutiam em minha alma.

Depois que aquela corrente vibratória amenizou, fui realizar algumas tarefas no quintal de casa. Entretanto, passados alguns minutos de atividades, a presença daquela nobre senhora novamente ficou evidente. Ela me falava coisas bonitas e percebi que precisava interromper meus afazeres domésticos. Eu devia escrever o que ela me transmitia e compartilhar com aqueles que têm afinidade com a Corrente Astral de Umbanda.

Uma vez sentado, com papel e caneta na mão, aguardei até que aquela agradável presença se manifestasse da seguinte maneira:

Salve meu filho! Estava te arrodando já há alguns dias, preparando-te para escrever uma mensagem aos filhos de fé. Venho para falar um pouco sobre exus e pomba-giras, sobre quem somos nós.

Muito se diz que os trabalhadores da Linha dos Exus foram pessoas que passaram pela marginalidade, de diversos tipos, enquanto encarnados na Terra. Isso não é totalmente falso, mas também não é completamente verdadeiro. Fomos também mercadores, médicos, enfermeiros e enfermeiras, advogados, enfim, toda a gama de atividades que a humanidade vem desenvolvendo neste mundo. Erramos, como todos os espíritos que desceram à Terra, mas também acertamos, crescemos e evoluímos. Não participamos somente dos chamados “prazeres da vida”, nos cabarés e tabernas da estrada. Não fomos sempre facínoras ou bandidos. Fomos também pai e mãe. Fomos filhos. Tivemos irmãos de sangue e irmãos do coração. Fomos guerreiros e guerreiras, matando algumas vezes para defender a nossa prole ou a nossa terra. Fomos “vilões” e fomos “vítimas”. Cumprimos muitos papéis em que precisávamos compreender os dois lados de uma mesma moeda. E por isso, hoje, somos exus e pomba-giras! Trazemos conosco a experiência amarga que ensina, mas que também regenera. Assim, podemos ajudar os caídos com eficiência. Podemos amparar a alma dos viciados de toda espécie e, com muita satisfação, às vezes, recebemos a tarefa de proteger e inspirar alguém que, um dia, foi nosso filho, marido ou irmão de sangue no Plano Físico. Portanto, meu filho, agora você sabe quem sou eu. Estou contigo há muito tempo. De ciclo em ciclo, com as bênçãos de Oxalá, volto a ti de uma forma ou de outra. Deixo um afago em seu coração e nos corações de quem entende realmente o que é uma pomba-gira ou um exu, que trabalham conforme ordena a Lei de Umbanda. Sou uma Maria: Maria Padilha das Sete Catacumbas.

Logo após o fluxo da psicografia, permaneci sentado, imóvel por alguns minutos, enquanto ainda sentia a energia tão acolhedora da guardiã. Para mim, o acontecimento ocorreu como um presente. Além de suas palavras orientadoras, tive o benefício de sentir seu magnetismo amoroso e protetor, que só as mães verdadeiras

conseguem transmitir. E isso, de alguma forma, tento compartilhar através desse texto aos irmãos umbandistas. Laroie, Sra. Pomba-gira! Exu é mojubá!

F- PALAVRAS DE UM TATA CAVEIRA

Naquela noite, facilmente percebi uma presença familiar. Era um guardião que desejava se manifestar através da psicografia. Assim, coloquei-me à disposição, fluindo o texto a seguir.

Boa noite! Estou aqui, para trazer uma mensagem sobre os guardiões. Muito se fala sobre nós e há muita ilusão e distorções. Algumas são resultado de mentes limitadas. Outras são, francamente, mentiras espalhadas de propósito. Há muita gente mal intencionada. Não sabem direito que, um dia, serão cobradas pela Lei. A inocência é relevada, mas a má intenção recebe o retorno devido, na dose certa e no tempo certo. E não é castigo não! É chance para despertar e se recuperar! Chegou o tempo de se entender melhor quem é exu e o que ele faz.

Primeiro, vou explicar porque os espíritos que trabalham na Linha de Exu, em sua maioria, ocultam quem foram em vidas passadas. Podem até contar a sua história, na última existência na matéria, mas não revelam a sua identidade exata. Isso acontece porque nós, como trabalhadores espirituais, estamos também em evolução. E evoluir não é dar tanto valor ao último nome terreno que tivemos. Não importa tanto aquele “eu”. Assim, à semelhança dos cristãos primitivos, nós recebemos um novo nome quando fazemos o compromisso de renovação. Isso acontece conosco após a morte da carne, quando nos agregamos a uma determinada falange de exu. E vamos participar de certo grupo, por afinidade! Não é nada por acaso! Cada falange tem suas ordens de trabalho e as entidades que a integram, precisam ter o conhecimento e as habilidades necessários para executar as tarefas.

Sou espírito velho. Por isso, falei dos cristãos lá do passado. Naquela época, aqueles ensinamentos não me interessavam. Segui caminhos mais adequados a minha alma. Fui legionário romano, vivi entre bárbaros, pratiquei a magia de várias formas. Fui curandeiro também. O tempo passou e, finalmente, absorvi

alguns fundamentos da “Cruz”. Fui padre. Um padre cheio de “pecados”! E venho caminhando, errando e aprendendo, caindo e levantando. Na minha última existência, fui médico: um sujeito meio canalha. Salvei algumas vidas, menos a minha, que foi encurtada por certos vícios.

Bem, quando falei que nos agregamos a uma falange, recebemos um nome, que é o mesmo da própria falange. Este nome está associado a uma forma ou aparência que assumimos no Astral. A forma corresponde a uma essência, que é um tipo de trabalho. Nós, os exus, dominamos também a forma. Uns mais, outros menos. Posso assumir várias aparências que tive na Terra, no passado. Recordo várias vidas. Mas, a forma da falange segue um padrão, com algumas variações. Para ti, que agora escreve esta mensagem que estou passando, posso me apresentar (a sua vidência) como o médico que fui na última vida. Porém, para os espíritos revoltados das zonas obscuras, mostro-me com minhas roupas negras e, quando necessário, mostro a eles os ossos. E isso não é para amedrontar os quiumbas! É para lembrar a eles que a vida da carne passou e é hora de renovação. Os ossos representam que é tempo de transformação. Mas, quase sempre eles sentem medo e isso não me dá prazer. Apenas cumpro a minha função. Uns, eu preciso prender. Outros, eu encaminho para lugar melhor. A cada um, conforme a Lei.

Então, já ficou mais fácil de entender que isso não tem nada a ver com essa crença no tal do diabo, invenção humana que já conta alguns séculos terrenos. Exu também não deve ser confundido com obsessor ou quiumba. Nós somos trabalhadores espirituais e não aceitamos barganha! Não adianta fazer oferendas em troca de favores! Exu de verdade só trabalha dentro da Lei. Alguém só recebe ajuda de nós, se merecer. Despeço-me agora. Vou dar um giro lá na calunga. Sou Tata Caveira.

Após o fluxo psicográfico, agradei a presença da entidade. Levantei para beber água e retornei à mesa, para ler calmamente o conteúdo do texto. Então compreendi que, a partir dessa mensagem, bem como de outras trazidas por exus e

pomba-giras, havia um movimento de esclarecimento sobre esta linha de trabalhadores espirituais. Fiquei satisfeito por isso e espero que eu seja um bom instrumento para esta finalidade, somando a outras boas orientações que têm surgido por diversos médiuns. Laroîê exu! Salve Senhor Tata Caveira! Exu é mojubá!

G- O MÉDIUM UMBANDISTA

Aquele dia era véspera de uma sessão de Umbanda. Meus pensamentos não vinham numa sintonia positiva. Por mais que eu tentasse, acabava recordando de alguns problemas que havia no terreiro. Ora eu lembrava um médium antigo, pessoa um tanto desequilibrada, que via e apontava o erro dos outros, mas não enxergava os seus próprios. Ora eu recordava de outro componente da casa que, volta e meia, criava maledicências por motivos fúteis. Ora retornava, a minha mente, a figura de uma médium que sempre se vitimava, nunca estando satisfeita, ou seja, uma pessoa bem derrotista.

Aquela situação cíclica causava algum impacto no meu campo emocional, de forma que eu já estava um pouco desanimado. Estava entrando numa rota pessimista, em relação à capacidade daquelas pessoas se transformarem, o que não era, de fato, da minha conta. Na realidade, cada um deve se esforçar para encontrar o equilíbrio e, se não o deseja, a transformação não vem de fora.

Então, passei a questionar mentalmente o porquê aquelas pessoas ainda faziam parte do centro de Umbanda, se elas mais causavam problema do que ajuda ao corpo mediúnico e aos consulentes. Para a minha surpresa, ouvi uma resposta: “O primeiro que deve ser curado num terreiro é o próprio médium.”

Fiquei surpreso que alguém estivesse acompanhando meus murmúrios mentais. A sua argumentação e presença causaram um impacto benéfico na minha consciência. Eu respondi, mentalmente: “Sim, nós médiuns somos bastante limitados e todos precisamos nos curar de um ou mais aspectos negativos.”

Na sequência, senti que melhorava meu campo vibratório. Agradei, pois, na realidade, eu estava lutando há algum tempo para rechaçar os desarmônicos e insistentes pensamentos. Eu queria ficar bem, para exercer corretamente a minha mediunidade no dia seguinte.

A seguir, notei que a presença benéfica, agora, começava a ditar um texto. Rapidamente entendi quem era. Logo apanhei papel e lápis, para registrar a mensagem, que consta abaixo.

*O médium umbandista
Já percorreu diversas estradas.
Muitas vezes foi magista
Em suas vidas passadas.*

*Perdeu-se, com certeza,
Movido pelo poder e paixão.
Sobrava a dureza,
Enquanto faltava equilíbrio e razão.*

*O médium umbandista,
Antes, sofreu e fez sofrer.
Hoje, mais realista,
Entende que precisa crescer.*

*Esse crescimento é interno,
Em expansão que se faz notar,
Quando está a trabalhar
Na irradiação dos orixás.*

*O médium umbandista
É ser em evolução.
A alavanca maior é a magia
Que brota do coração!*

*Este já bate e irradia
No compasso de Oxalá.
A transformação nunca é tardia!
Trabalha, sem nada esperar!*

*A Umbanda é oportunidade,
Outrora, jamais vista.
Sob a bandeira da caridade,
Aproveita médium umbandista.*

Após a leitura e releitura do poema, tive grande gratidão. Nada posso acrescentar às palavras rimadas da entidade “Poetinha”, que se apresenta como uma criança espiritual. Apenas comento que, nos dias de véspera de uma sessão mediúnica, é comum o assédio de seres desequilibrados, a nós médiuns, que insistimos em deixar brechas à negatividade. No Espiritismo, na Umbanda ou em qualquer religião é fundamental o “Orai e vigiai”.

H- ZÉ PELINTRA E O ÁLCOOL

Uma das questões polêmicas que envolvem a Umbanda é o uso de bebidas alcoólicas nas suas sessões, sobretudo nas chamadas “giras de esquerda”. Ao contrário do que alguns acreditam, isto não é a manutenção ou estímulo ao vício. Em termos gerais, o álcool é utilizado para a dissolução de bioenergias deletérias agregadas aos consulentes, ou no ambiente das atividades. Ou seja, uma de suas principais funções é a de higienização. Outra finalidade do álcool é a de ativação energética para certos trabalhos, mas não é objetivo descrever isso neste relato. E em muitos terreiros, hoje, praticamente não há ingestão do álcool pelos médiuns incorporados, que o utilizam de outras maneiras. Assim, caros irmãos umbandistas, se entrarem num centro que se intitula “de Umbanda” e encontrarem médiuns supostamente incorporados, ingerindo bebida em excesso, observem o estado em que eles ficam após as atividades. Se estiverem com seus comportamentos alterados ou claramente bêbados, ali há um desequilíbrio que não se coaduna com valores espirituais.

Em 12 de agosto de 2011, tive a oportunidade de psicografar uma mensagem do Senhor José Pelintra sobre o álcool, onde ele dá seu depoimento de como se prejudicou em encarnação passada, por este vício. Além disso, o “seu Zé” coloca que, hoje, uma de suas tarefas principais é ajudar quem está se entregando ao alcoolismo. O título desta mensagem é “Aguardente”, que está expressa na sequência.

Aguardente sobre a mesa! É uma visão que me ficou, na mente, com certeza. O líquido transparente e a sua descida, em queimação, até quase o baixo-ventre, não esqueci também. A sensação acompanha-me sempre. Não alimento tristeza, mas no vai e vem da vida as lembranças retornam. E uso a recordação para prosseguir na minha missão. Trabalho nas esquinas e encruzilhadas,

ajudando bebuns e mulheres mal-amadas, pessoas que buscam, nas noitadas, o prazer que foi minha derrocada. Faço de tudo um pouco e me intitulo “auxiliar de serviços gerais”. O botequim e a beira do cais recebem minha visita costumaz. Casas noturnas, bem soturnas, são passagem obrigatória. Tudo isso fez e faz parte de minha história. Ajudo como posso, desde o vagabundo comum, que chora, até o indivíduo mais proscrito. Despeço-me, por ora. Sou o Poeta do Rio Antigo.

Bem, o texto da entidade é bastante claro e objetivo. Não acrescento qualquer observação. Apenas comento que a falange de Zé Pelintra é composta por espíritos com histórias um tanto parecidas em suas essências. Foram pessoas que tiveram erros e aprendizados semelhantes, adquirindo uma experiência valiosa de vida, que pode ser muito útil a nós encarnados.

Assim, nos terreiros de Umbanda, muitos consulentes se beneficiam de uma boa consulta com o “seu Zé”. E proveniente da sabedoria desta falange de exus, lembro o seguinte: **“Malandro que é malandro aprende com os erros dos outros! Não precisa tomar tombo, para aprender!”**

Saravá Senhor José Pelintra! Exu é mojubá!

I- O FEITICEIRO

Eram sete de junho de 2016, quase meia-noite. Senti a presença do Sr. Sete Encruzilhadas em minha residência. Ele avisou-me que trazia uma entidade para contar a sua história. Após breves momentos, acomodei-me à mesa para permitir a psicografia, surgindo a mensagem a seguir.

Boa noite moço! Vim para escrever a minha história. Sei que minha energia te incomoda um pouco. Você não está acostumado comigo. Vim sob a ordem do seu guardião. Trabalho com ele. Minha história vai ser útil para o povo da Terra.

Quando estive encarnado, e não faz muito tempo, tive a missão de ser médium de Umbanda. Minha família era humilde e dela tive bons exemplos. Não tinha um que não ganhasse o pão com o suor do rosto. Não tive muito estudo. Não era possível. Mas, tive uma profissão. Aprendi uma com o meu pai, que era bom artesão. Não dava muito dinheiro, mas dava sustento honesto.

Cresci no trabalho e na religião de meus pais, católicos de fé. Eu apenas seguia a eles, mas os ensinamentos não tocavam meu coração. Um tio me levou para os conhecimentos da magia, das ervas sagradas. Gostei, mas eu não tinha a cabeça tão reta. Trabalhei um tempo na cura. Achei bom. Achei bonito. Mas, eu tinha ambição. Queria ganhar dinheiro e, por isso, me desviei dos ensinamentos que recebi. Busquei, na feitiçaria paga, um meio de vida. Eu fui vivendo nisso, com bons resultados, por um tempo longo. Eu ganhava para curar doença. Eu ganhava para as pessoas poderem voltar a dormir bem. Eu ganhava para curar impotência. Mas, eu queria ganhar mais e, para isso, não tinha cliente que pagasse muito. Então, comecei a aceitar outros tipos de pedido: amarração de homem ou de mulher, derrubar inimigos, vinganças e até a morte.

Não percebia que, há muito tempo, meus guias de verdade haviam me deixado. Aliás, isso nem passava pela minha cabeça, pois o dinheiro passou a correr bem em minhas mãos...

Contudo, não cheguei a ficar velho. Minha vida foi interrompida pela Lei. E foi bom, porque senão eu ia afundar mais e mais. Numa batalha contra outro feiticeiro, por causa de um cliente rico, perdi a vida devido a uma doença que eu não sabia curar. Não era doença da carne não! Era doença da alma! A cura começou a acontecer com a morte do meu corpo, que só emagrecia e emagrecia...

Quando cheguei no “outro lado”, fui arrastado por espíritos piores do que eu, para um lugar do submundo. Fui escravizado. Quem me servia, durante a minha vida física de feiticeiro, agora queria que eu fosse servo. Fiquei ali por alguns anos, obedecendo e executando ordens para prejudicar pessoas na Terra, pela magia negra. Finalmente eu estava entendendo como funcionavam as coisas no “outro lado”, nas zonas próximas ao Mundo Material.

Com o tempo fui me arrependendo. Lembrava da minha família, e também do meu tio, que havia me dado bons ensinamentos. Lamentava que eu não havia formado minha própria família, pensando só em ganhar dinheiro. Deixei escapar oportunidades. E estava ali, servindo como laçao de entidades mais brutas que eu. A ambição havia me cegado.

Eu não tinha muito tempo para me entregar ao arrependimento, porque quando minha mente se perdia nisso os “chefes” percebiam e me puniam. Nas camadas baixas do Astral, há dor parecida com a física. Tudo depende da mente e das emoções. Conforme a energia da entidade, ao apanhar, sente dor. O espírito ignorante pode ficar preso, sentir fome e sede. Há verdadeiras torturas nos submundos, mas não vim para detalhar isso não!

Um dia, numa época em que obedecia só por obedecer, já não tendo afinidade com tudo aquilo, tive uma oportunidade nova. Eu estava na casa de uma pessoa rica, para causar uma perturbação encomendada. Era eu e mais outro “pau mandado”. No entanto, depois que entramos na mansão, ficamos

presos no lugar. Ali tinha uma proteção invisível. Parecia uma armadilha. Entramos livremente, sem sentinelas, mas não era possível sair. Uma barreira não nos deixava sair. Meu “companheiro” ficou revoltado! Eu não! Já estava cansado de tudo. Se eu não podia voltar para o “buraco” onde estava acostumado, e se nenhum “chefe” conseguiu voltar para nos cobrar, melhor!

Após alguns dias, tudo se esclareceu. Eu e meu comparsa fomos recolhidos por um grupo de exus. Meu comparsa resistiu e foi imobilizado a força. Eu não reagi. A partir daquele dia, fomos para lugares diferentes. Deram-me uma chance para recuperação e reinício de trabalho dentro da Lei. Eu aproveitei a chance e, com o tempo, trabalhei como auxiliar de uma falange de exus. Minha tarefa era resgatar entidades esgotadas energeticamente no Baixo Astral. Agora, depois de nove anos terrestres, me deram grau. Já trabalho como exu de descarrego em centros de Umbanda. Não dou consulta não! Preciso aprender mais. E só consigo te transmitir essa mensagem, porque estou sendo ajudado.

Vou seguindo minha caminhada, com determinação, sem desanimar. Passei por um grande desvio! Perdi uma vida, caindo no mesmo erro de um passado mais distante. Espero que meu caso seja lido pelo povo da Terra e que sirva para outros que renasceram para serem médiuns. E que esses não caiam como eu! Aproveitem melhor a chance de crescer e de se libertarem dos velhos vícios.

Após a veiculação da mensagem, senti-me um pouco cansado, até porque já havia passado da meia-noite. A entidade não se identificou, mas não me incomodei com isso. Agradei ao Sr. Sete por ter trazido aquele espírito, que nos contou sua história, que é a história de muitos médiuns que se perdem por ambição financeira ou de poder. Meditei um pouco sobre este assunto e senti que tinha cumprido bem a minha missão psicográfica, naquela noite. Em seguida, fui dormir, tendo uma boa noite de sono.

PALAVRAS FINAIS

Bem, caro amigo leitor, chegamos ao final dessa obra “Vivências de Umbanda”. Na totalidade, foram 38 relatos, sendo 29 de situações vivenciadas no âmbito de sessões de Umbanda e nove em contextos diferenciados, onde pude psicografar mensagens de guias ou guardiões da corrente umbandista. Espero que essas vivências possam ser úteis a todos aqueles que buscam compreender a Espiritualidade, em suas diversas formas de manifestação, aqui neste nosso mundo, ainda tão denso vibratoriamente...

Já penso em escrever outro livro, que seja, de certa forma, uma continuação deste. Para isso, preciso de mais tempo, nesses dias atribulados que passamos, de modo a buscar na minha memória o que vivenciei na minha jornada umbandista, de maneira fidedigna e sem mistificações. A Umbanda não precisa de mentiras e de exageros. A verdade basta.

Assim, vou me despedindo e deixando um “até logo”, aguardando também a inspiração dos mentores da corrente umbandista, para que, em futuro talvez breve, possamos nos encontrar novamente em novas vivências de Umbanda compartilhadas... Abraço a todos.